
O uso de vidraria em *Sellium* e em Tomar: as descobertas arqueológicas recentes em relação com a História do Vidro

MANUELA ALMEIDA FERREIRA

R E S U M O

A autora estuda um espólio vítreo, oriundo do subsolo de Tomar, que compreende espécimes datáveis da época romana, da Idade Moderna e da Idade Contemporânea, sendo atribuíveis a esta última alguns vasos prensados. Esta vidraria é abordada do ponto de vista tipológico, do ponto de vista funcional — recorrendo-se, sempre que viável, a fontes iconográficas e escritas, designadamente do século XVIII — e do ponto de vista estético. São da Idade Moderna e da Idade Contemporânea os copos cilíndricos e troncocónicos, os copos de pé, garrafas e frascos e, ainda, a panóplia do médico de outrora, para alguns dos objectos se conhecendo paralelos provenientes de outras estações portuguesas. Este material de Tomar acrescenta informação à já existente sobre o uso histórico do vidro. O vidro romano é tardio. Os tipos reconhecíveis estão documentados em outros locais de Portugal, bem como em Espanha e em outras regiões do Império Romano, e incluem objectos de adorno.

A B S T R A C T

Glassware excavated in Tomar, dating from Roman times, from the Modern and the Contemporary Ages, including some pressed glass, is analysed under a typological, functional and an aesthetic point of view, whenever possible quoting written and iconographic sources dating back to the 18th century. Modern Times and Contemporary glassware includes mainly drinking beakers and stemmed drinking glasses, bottles and flasks and items of old times physicians sets of instruments, for which some parallels were already known among glass finds from other Portuguese sites. However, the archaeological material from Tomar brings up new information about the use of glassware in those days. Roman glass is late glassware of fairly known types recorded elsewhere in Portugal as well as in Spain and others regions of the Roman Empire, and include personal ornaments.

Introdução

A vidraria ora considerada proveio de escavações dirigidas pela Dr.^a Salette da Ponte e levadas a cabo em quatro diferentes pontos da cidade de Tomar, a saber, as Ruas Amorim Rosa, Carlos Campeão e Norton de Matos, e na área contígua à igreja de Santa Maria do Olival.

A metodologia usada na abordagem deste espólio corresponde à intenção de evidenciar o uso do vidro em Tomar, desde a época da *civitas* da margem esquerda até à contemporaneidade, pelo que se tomou conjuntamente o material dos mesmos horizontes cronológicos, independentemente de estação da qual eram oriundos.

No que respeita ao vidro romano, encontram-se sobretudo documentadas as formas do século IV; da Idade Média, faltam exemplares representativos, a menos que tenhamos tomado por posteriores — dado o largo desconhecimento subsistente quanto ao vidro medieval português — alguns de medievais cronologia; a vidraria da transição do Renascimento para o Barroco, e o que com a estética do último se identifica, é o que maior relevo assume no conjunto; finalmente, ao século XIX pertencem alguns exemplares típicos da frascaria da época, bem como de vidro de mesa prensado.

Em todos os casos procurámos, amiúde com êxito, referir e ilustrar paralelos ou peças análogas, quer de origem nacional, quer estrangeira¹. Na contextualização do vidro romano, utilizámos as tipologias que são do conhecimento geral; na do vidro da Idade Moderna, recorremos, a nível nacional, e para além de anteriores achados tomarenses, aos provenientes de várias estações da região de Sintra e da cidade de Lisboa, aos da alcáçova de Coimbra, do sítio da manufactura real de Coima (Barreiro), de Évora (Rua de Burgos) e de Silves².

Para o estudo da vidraria das três últimas centúrias, lançámos profusamente mão de fontes iconográficas, tendo como objectivo situar o espólio em análise no quadro da utilização dada, no quotidiano, aos exemplares exumados de solo nabantino, na Europa e seus domínios coloniais.

Em última análise, foi nosso intuito apresentar a síntese possível, no estado actual do conhecimento sobre a matéria³, do que a arqueologia de campo tem logrado recuperar com relevo para a documentação do uso de recipientes de vidro, em Portugal, em diversas épocas históricas.

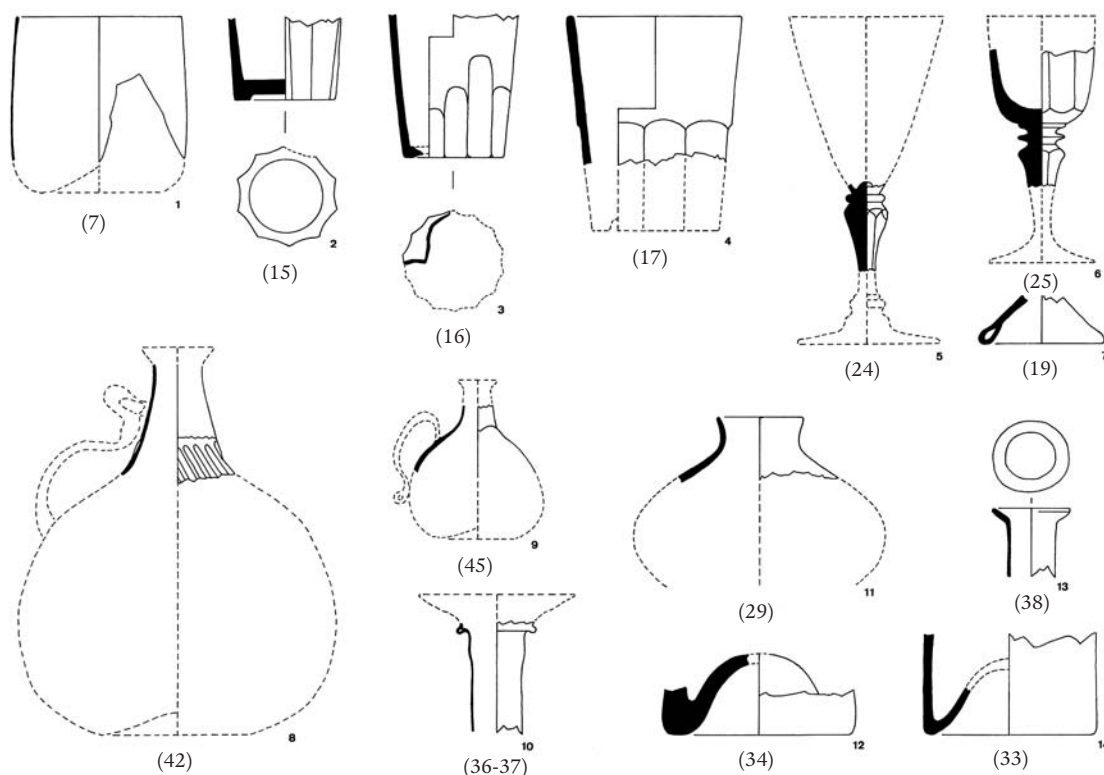
Vidraria relacionada com a alimentação (Est. I)

Do ponto de vista das tradições representadas neste espólio, é um *puzzle* pluricultural o conjunto de copos, jarros, garrafas e boiões que o integram. Tecnologicamente, são igualmente de diversa factura os vasos seleccionados apresentados na Est. 1, os quais ilustram diferentes formas representativas da vidraria dos séculos XVII e XVIII.

Copos, jarros, garrafas e boiões

Os bordos n.^{os} 1 a 7 e os fundos n.^{os} 8 a 11 pertenceram a copos soprados livremente; as paredes são ligeiramente convexas e os fundos cónicos ostentam marcas de pontel (p. 408-409).

Apesar de, por circunstâncias acidentais, ter sido recuperado de uma camada de entulho quase superficial, o n.^o 7 é o melhor espécime do conjunto e, também, aquele que melhor ilustra este tipo de copo sem pé, para o qual não escasseiam, já hoje, paralelos arqueológicos coevos oriundos de solo português. (Fig. 1) O n.^o 2, com os seus 10 cm de diâmetro, parecerá excessivamente



Estampa I

grande enquanto copo. Todavia, da pauta do Catálogo da Real Fábrica de Vidros de Coima consta a menção a “Copos lizos ou moldados (...) De quartilho para limonadas e Tavernas (...) De 1 Canada (...) De 2 Canadas...” (Barros, 1969, p. 174, St. IX) (Fig. 4/1), quer dizer, de capacidade variável entre o meio litro e os dois litros, e é bem provável que tais capacidades tivessem sido prática corrente já no período pré-manufatureiro.

O n.º 18, ainda que soprado livremente, corresponde desde logo ao formato dos n.ºs 12 a 17 que, ao invés, de representarem, como os n.ºs 1 a 7, uma produção tradicional com séculos de existência, constituem novidade, em matéria de copos soprados em molde, nas centúrias de 600 e 700. O n.º 15 encontra exacto paralelo num exemplar de Lisboa proveniente do nível de destruição do terramoto de 1755 (Ferreira, 1997, Est. I/V-3) (Fig. 2); o n.º 16, se não arqueológica nem iconograficamente documentado em Portugal no século XVII ou na 1.ª metade do século XVIII, deve corresponder aos “Copos para Agoardente” do Catálogo da Real Manufatura (Barros, 1969, Est. L), aos quais parecem assemelhar-se, por outro lado, exemplares de Coima e de Lisboa (Ferreira, 1997, Est. III). A relativa imprecisão dos esboços do Catálogo, que não contemplam os perfis dos vasos, não facilita por vezes o estabelecimento inequívoco de paralelismos desta índole.

Em 1769, o pintor espanhol Antonio Pérez de Aguilar representou, em *O armário de parede do pintor*⁴, um elenco de vidraria entre a qual se conta um copo em tudo análogo ao n.º 16. (Fig. 3) Às três arcadas dissemelhantes em altura do copo desta tela e do n.º 16 de Tomar opõe o Catálogo da Real Manufatura os “Copos p^a agoardente, p^a as tavernas e limonadas” e “para uso particular” que apresentam uma alternância de arcadas de apenas duas alturas (Barros, 1969, Est. IX). (Fig. 4)

Postos a par, na prateleira de um qualquer armário em que se guardasse louça variada e outros utensílios domésticos relacionados com a alimentação, o copo sem pé e o copo de pé sugerem

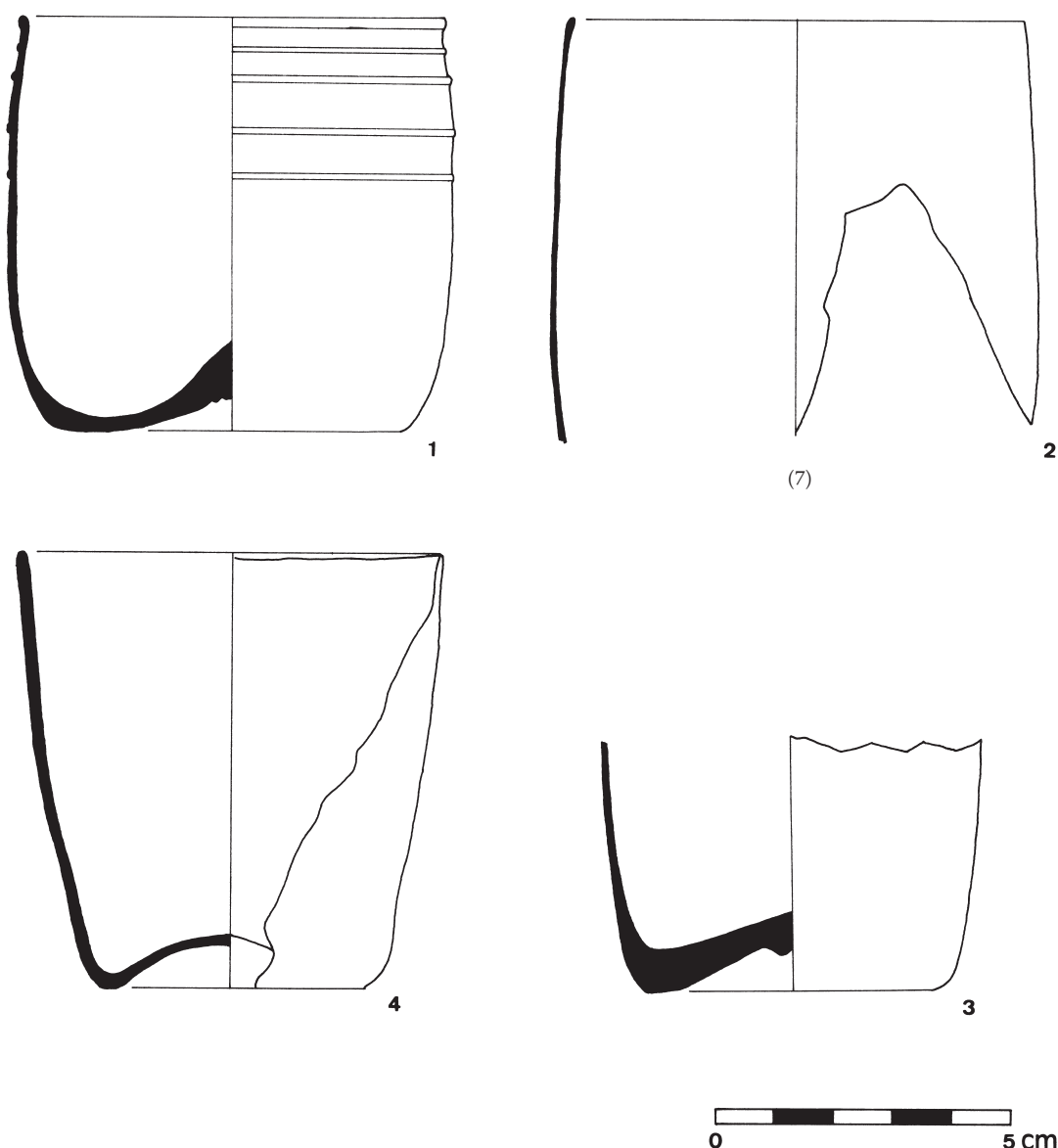


Fig. 1 Copos. Sopragem livre. 1 – Évora, Casa Gouveia (199...); 2 –Tomar, Convento de Cristo – Paços do Infante (1994); 3 – Coimbra, Alcáçova (1979); 4 – Toscana, S. Giovanni Valdarno (1983).

duas distintas utilizações: o segundo destinava-se ao vinho; o primeiro, a outras bebidas reputadas, por assim dizer, menos nobres.

Enquanto que os copos do tipo do n.º 7, representantes da tradição, eram o resultado da laboração de pequenos fornos-oficinas cujos processos de produção se herdavam e legavam inalterados, o que acabava por se traduzir, também, na imutável sinuosidade das paredes e na coloração esverdeada ou amarelada de uma matéria imperfeitamente depurada, os copos soprados em moldes do tipo dos n.ºs 15 a 17 ostentam sempre um vidro perfeitamente incolor. Os do primeiro tipo foram amiúde decorados por caneluras verticais, à semelhança dos vasos medievais; os do segundo tipo, por seu lado, mais não fizeram do que adaptar a mesma fórmula decorativa às novas condições técnicas: as caneluras volveram-se, ao que parece, em arcadas.

Sendo os pés dos “copos de caliz” (ou “calix”) dos séculos XVII e XVIII elementos importantes para a determinação de estilos, fontes formais e cronologia dos mesmos, apresentamos na

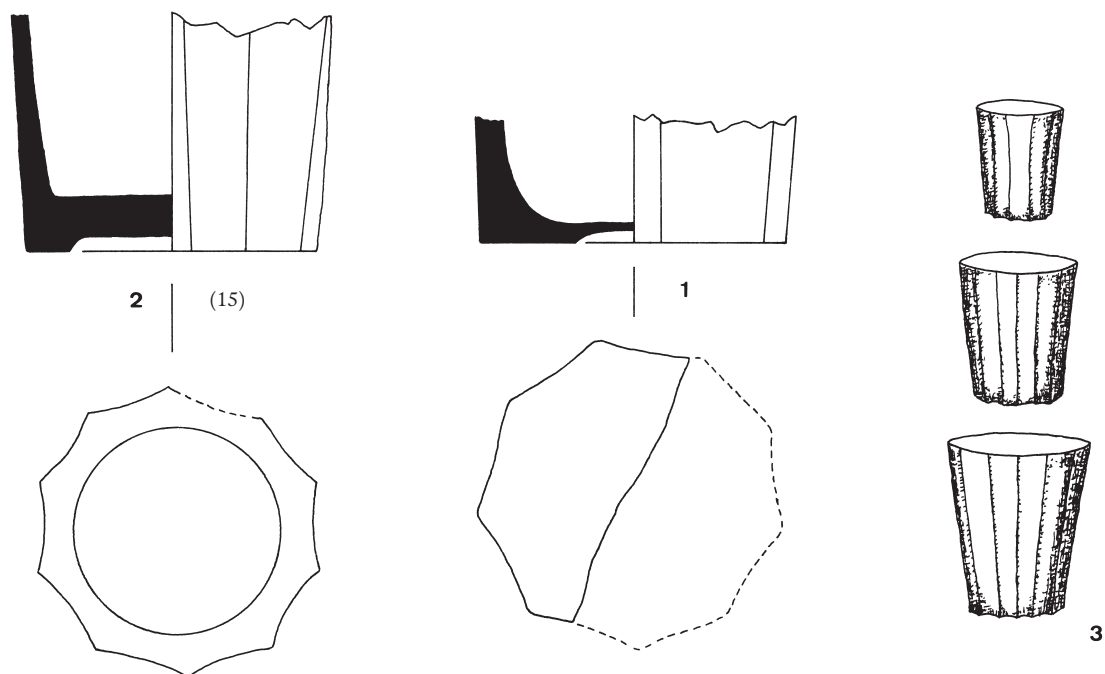


Fig. 2 Copos. Sopragem em molde. 1 - Lisboa, Rua das Pedras Negras (1991); 2 - Tomar, Convento de Cristo - Paços do Infante (1994); 3 - "Copos para Agoardente", est. L do Cat. da Real Manufactura (c. 1772).

Fig. 5 aqueles de cuja descoberta em Portugal temos conhecimento e que se aparentam com os n.ºs 24 e 25 dos Paços do Infante do Convento de Cristo, aqui em observação. O n.º 23, proveniente da estação de Sta. Maria do Olival, é um copo de pé do século XVII ou XVIII que segue o modelo inglês já documentado arqueologicamente por exemplares de Lisboa da 1.ª metade de setecentos (Ferreira, 1997, Est. 1/II-1, 2).

De facto, a exigência de requinte no consumo do vinho era satisfeita, à época, pelos modelos boemianos e ingleses que haviam destronado as formas que o *crystallo* veneziano pusera em voga no dealbar do Renascimento.

Assim é que o pé n.º 25 segue um modelo inglês de c.1715-30 (Davis, 1971, p. 25) e o n.º 24 reproduz um modelo boemiano da 2.ª metade do século XVIII (Drahótova, 1985, p. 133). (Fig. 5) O n.ºs 2 e 3 da Fig. 5 respondem a esta última cronologia (Ferreira, 1997, St. 1/III-1, 2);¹² o n.º 5, cujo pé é oco, datará da 1.ª metade do século XVIII (Ferreira, 1997, p. 108, fig. 7/1).

O n.º 19 é a base cónica de um cálice, ou de um copo de pé, tecnologicamente menos evoluído do que os exemplares que acabamos de considerar (p. 411-412).

Os *Flaschen mit schrägen Rillben* de Colónia, do século XVI (Rademacher, 1933, Est. 8/C e E), são de facto análogos aos de Coimbra (Fig. 6/5), mas a origem destes frascinhos de 8,3 e 10 cm de altura não pode deixar de ser imputada à influência de aquém Alpes que, desde o Baixo Império Romano, não mais deixou de galgar a cordilheira e influenciar a Europa central.

É o mesmo *modus faciendi* que esteve na origem de todos os espécimes apresentados na Fig. 6. A Idade Moderna ocidental perdeu de vista o anel, dilatado em volta do colo, do frasco de Istambul, mas não as caneluras oblíquas que ornem as panças a que, uma vez sopradas, foram ulteriormente soldados os colos. O mesmo se observa numa garrafa, de diverso padrão embora, tida por produto seiscentista do Côvo, que se conserva no Museu Nacional de Arte Antiga (Barros, 1969, p. 217, n.º 142).



Fig. 3 O armário de parede do pintor (Antonio Pérez de Aguilar, 1769).

A asa é acessório ligado à função: outras três análogas, que ocorreram neste espólio (n.ºs 46 a 48), poderão ter pertencido a recipientes do mesmo jaez.

A decoração de caneluras afigura-se, na época a que nos reportamos, ainda inusitadamente muito em voga. Diríamos mesmo que a frequência com que ocorre nas centúrias de seis-

centos e setecentos é algo surpreendente se encarada à luz da história europeia da estética vidreira. Mas os exemplares canelados dos séculos XVI e XVII recuperados, às centenas, em Istambul, podem ajudar a explicar a continuidade da recorrência meridional tardia a esta fórmula decorativa. Ademais, a tendência otomana para a miniaturização destes frascos no século XVII (Hayes, 1992, p. 410) parece corroborada pelas pequenas dimensões do n.º 45 de Tomar (Fig. 6/4).

Finalmente, o n.º 50 é talvez, do mesmo modo, um exíguo jarro, ou uma galheta, do tipo dos do 1º quarto do século XVII publicados por Goetz, embora de muito menor capacidade (Goetz, 1990, p. 196, fig. 13/200 e 203).

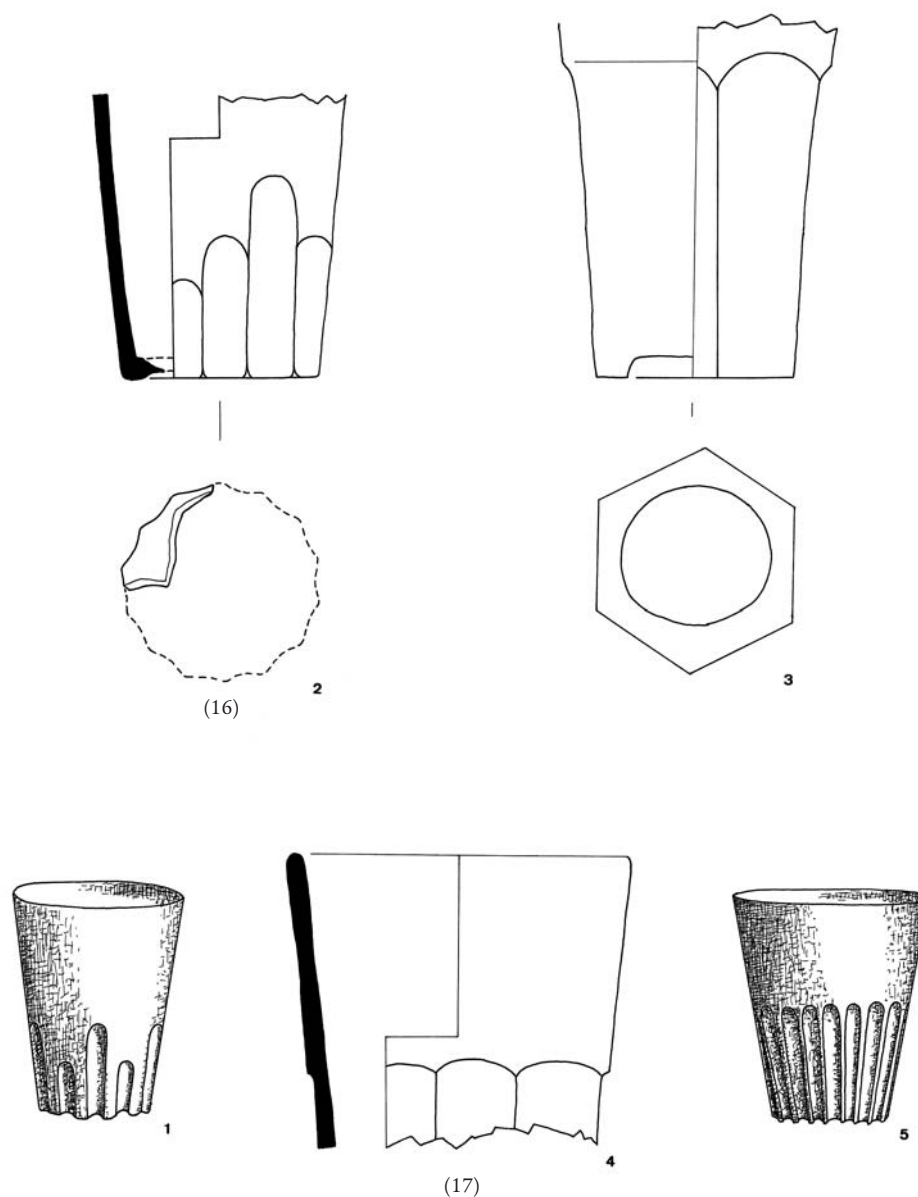


Fig. 4 Copos. Sopragem em molde. 1 – “Copos p.^a agoardente (...) p.^a as tavernas e limonada (...) para uso particular...”, Est. X do Cat. da Real Manufatura (c. 1772); 2 e 4 – Tomar, Convento de Cristo – Paços do Infante (1994); 3 – Coima, Estação arqueológica da Real Manufatura (1988); 5 – “Copo Xato”, Est. XXXIX do Cat. da Real Manufatura (c. 1772).

Os n.ºs 36-37 devem ter feito parte de uma elegante garrafa de mesa, de corpo globular, contraponto da lhanza funcional das garrafas cilíndricas a que pertenceram os fundos cónicos n.ºs 33 e 34. O bocal n.º 38, em vidro transparente incolor, há-de ter feito parte de uma garrafa deste último tipo. Quanto aos bocais barbelados característicos das garrafas cujos fundos afetam o aspecto do n.º 34, um fundo em vidro grosso verde profundo, dito à época “vidro negro”, nenhum foi recuperado (p. 414-418).

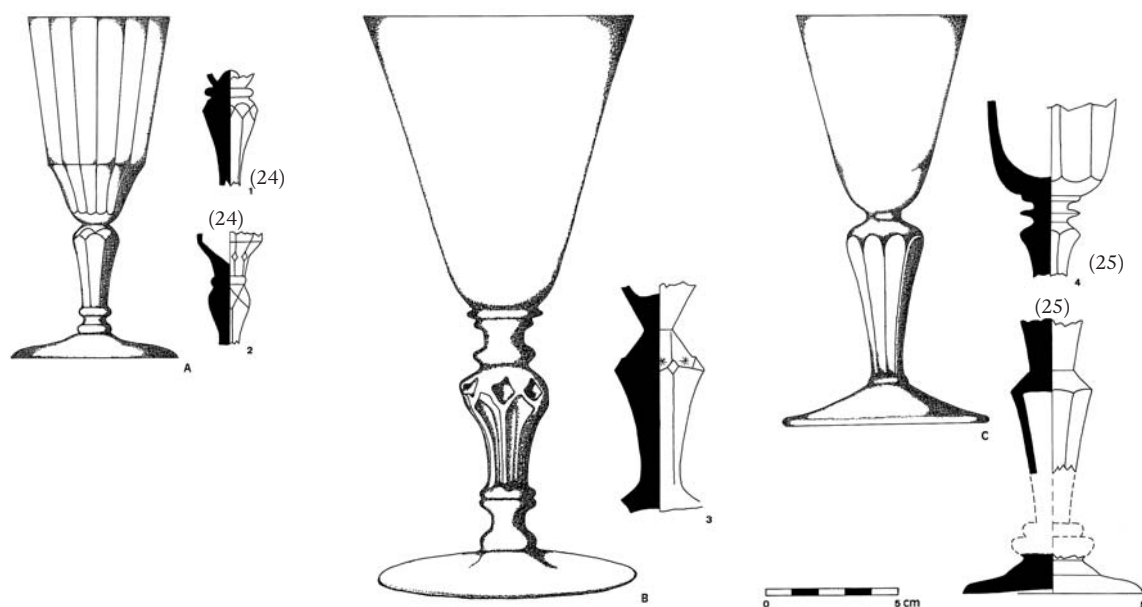


Fig. 5 Copos de pé. A a C: *Croquis* segundo Drahótova, 1984. A – Copo da Boémia, 2.ª metade do século XVIII (p. 133); B – Copo alemão, 1.ª metade do século XVIII (p. 114); C – Copo inglês, século XVIII (p. 127).

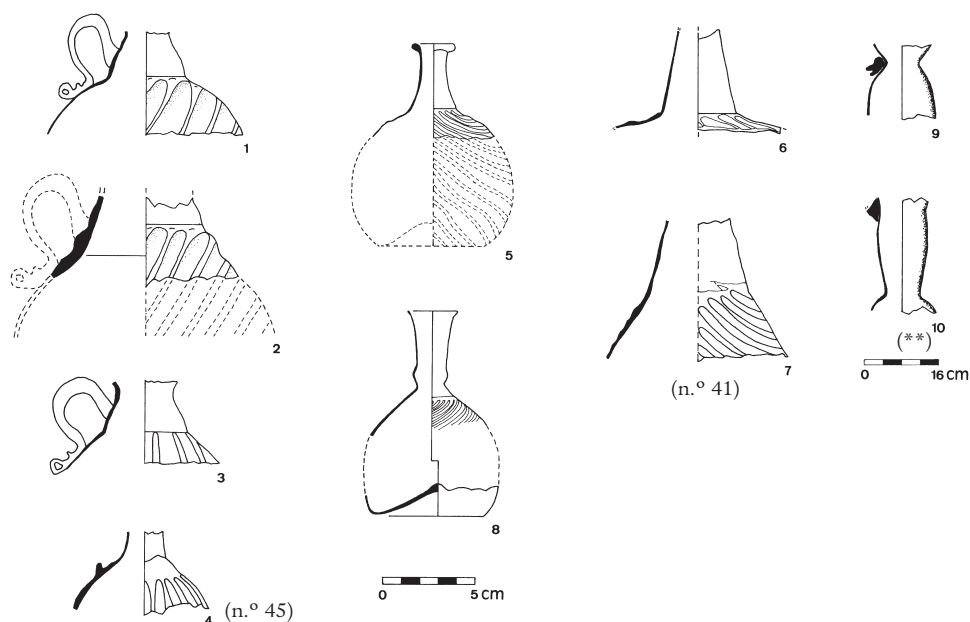


Fig. 6 Frascos e jarros. 1 e 3 – Coimbra, Alcáçova (1979); 2 – Sintra, Rua Gil Vicente (1983); 4 e 7 – Tomar, Convento de Cristo – Paços do Infante (1994); 6 – Silves, Castelo (198...); 8 – Istambul, Saraçhane (198...); 9 e 10 – Montbéliard, “Cabaret de l’Hôtel de Ville” (1984). * A representação destes desenhos tem a utilidade de fazer entender o n.º 50 do Catálogo (p. 419-420).

Exclusivamente de mesa a primeira (n.ºs 36-37), e simultaneamente de cave e de mesa as segundas (n.ºs 33, 34 e 38), reportam-se a tradições diferentes. O colo dilatado em anel e o bocal em forma de funil dos n.ºs 36-37 remetem para a estética meridional medieval⁵; as demais evocam formas da garrafaria inglesa, em particular a destinada ao vinho (Cf. por exemplo Hume, 1961, p. 96, 117).

O n.º 29 foi reconstituído a partir de um exemplar, em tudo análogo, exumado do nível do terramoto de 1755 do Teatro Romano de Lisboa. Tratar-se-á de um boião destinado a conservar⁶ condimentos ou complementos alimentares, como é o caso das azeitonas e, neste último caso, poderá também ter recebido a designação de “botija”⁷. Frascos de forma análoga contiveram também azeitonas, podendo talvez assimilar-se “boião” a “frasco”, em certos casos. Veja-se o teor da seguinte passagem de uma peça de teatro de cordel cuja acção decorre numa casa de pasto designada por “tasca”:

“Veio hum pires de Azeitonas Para acepipe de hum frasco...” (Anónimo, 1789, p. 87).

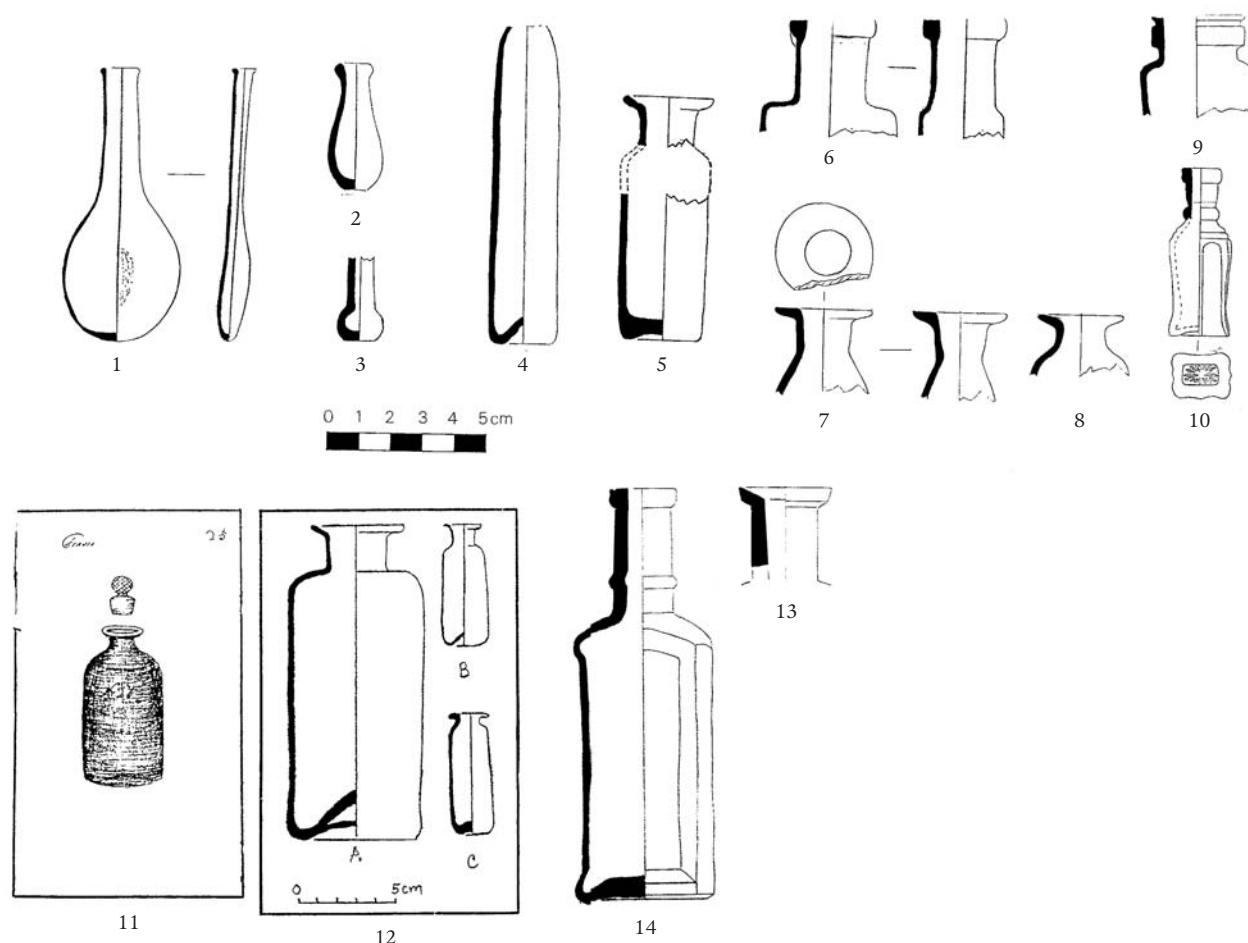


Fig. 7 Frascos cosméticos e farmacêuticos (sécs. XVII-XVIII). 1 e 2 – Lisboa, Casa dos Bicos (198...) – Museu da Cidade - CB 170 e CB96); 3 – Sintra, Rua Gil Vicente (1983); 4 e 5 – Évora, Casa Gouveia (199...); 6 – Coima, Estação arqueológica da Real Manufatura (1988); 7 e 8 – Lisboa, Rua das Pedras Negras (1992); 9 e 10 – Lisboa, Teatro Romano (1989); 11 – “Frasco”, Est. XXXIV do Cat. da Real Manufatura (c. 1772); 12 – Frascaria farmacológica inglesa: A – 1700-1730 (Gibson e Evans, 1985, Fig. 1/1); B – 1700-1720 (Thompson et al., 1984, Fig. 45/3); C – 1730-1750 (Goeder, 1984, Fig. 38/8); 13 – Bocal de tipo farmacêutico, *apud* Jones e Sullivan, 1985, p. 97; 14 – Contentor comercial tipo, *idem*, p. 27.

Formas abertas

Tal como o aludido “pires”, são formas abertas os n.ºs 26 a 28, únicas restituíveis, enquanto taças, a partir dos fragmentos encontrados (Fig. 7/1).

No elenco da vidraria da Idade Moderna, os pratos e as taças não podiam rivalizar em número com os produtos homólogos de olaria e de faiançaria. Existiam, todavia, como o provam anteriores achados de Tomar (Ferreira, 1989, p. 85, fig. 4) (Fig. 7/2), e de outros sítios arqueológicos nacionais (Fig. 7/3-4) e estrangeiros (Huggins, 1969, p. 86 e 88, fig. 31/2 (Inglaterra, século XVII, diâmetros de 140 a 180 mm); De Groote e Lemay, 1993, p. 413, fig. 15/1 (Antigos Países Baixos, século XVII, Ø 390 mm).

As dimensões de certos destes pratos e taças tornam verosímil o grande prato vítreo de gomil pintado por Velázquez em *Los borrachos* o *El triunfo de Baco*⁸, e os 30 cm de diâmetro de, particularmente, uma das profundas taças provenientes de Coina, motivam a reflexão sobre a mestria dos sopradores de vidro que laboraram na Manufatura Real.

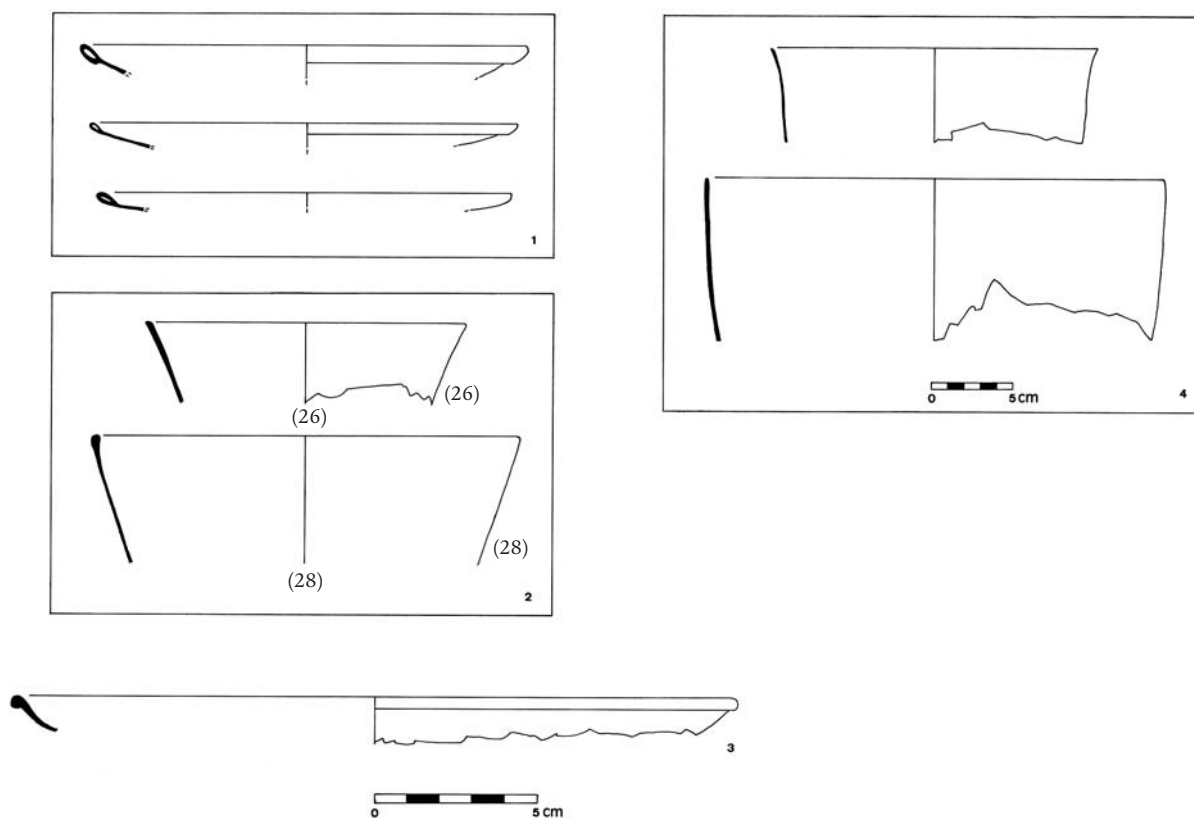


Fig. 8 Formas abertas. 1 e 2 – Tomar, Convento de Cristo – Paços do Infante (1985, 1994); 3 – Évora, Casa Gouveia (199...); 4 – Coina, Estação Arqueológica da Real Manufatura (1988).

Vidros de botica e de cosmética (Est. II)

“Vidrinhos” dos séculos XVII e XVIII

O diminutivo de “vidro” equivale frequentemente, na linguagem do século XVIII, a pequeno frasco:

“Livietta (filha) — Meu Pai, meu Pai, segure-me que caio.

Ramigio Fafes (velho pai) — Dirandina, Dirandina, ajuda-me e sustella, que tornou a mal-dita convulsão (...) ... vou lá ao meu quarto buscar hum espirito, para ella cheirar...

[Vai-se.]

Livietta — Foi-se ? Bem, confesso-te, que já me dohião as costas de estar derriada na cadeira. (...)

Dirandina (criada) — Mas torne à mesma, que o velho he chegado, e como vem afflicto com o vidrinho do tal espirito.

(...)

Ramigio Fafes — ... segura-te a teu Paizinho, e mais Dirandina; olha,

Levietazinha cheira tu este frasquinho de espirito...” (Anónimo, s.d., p. 8-9).

Os n.ºs 49 e 51 a 55 (p. 419-421) podem ter contido medicamentos ou preparações congêneres ou, ainda, as essências perfumadas que apreciavam e usavam tanto mulheres como homens:

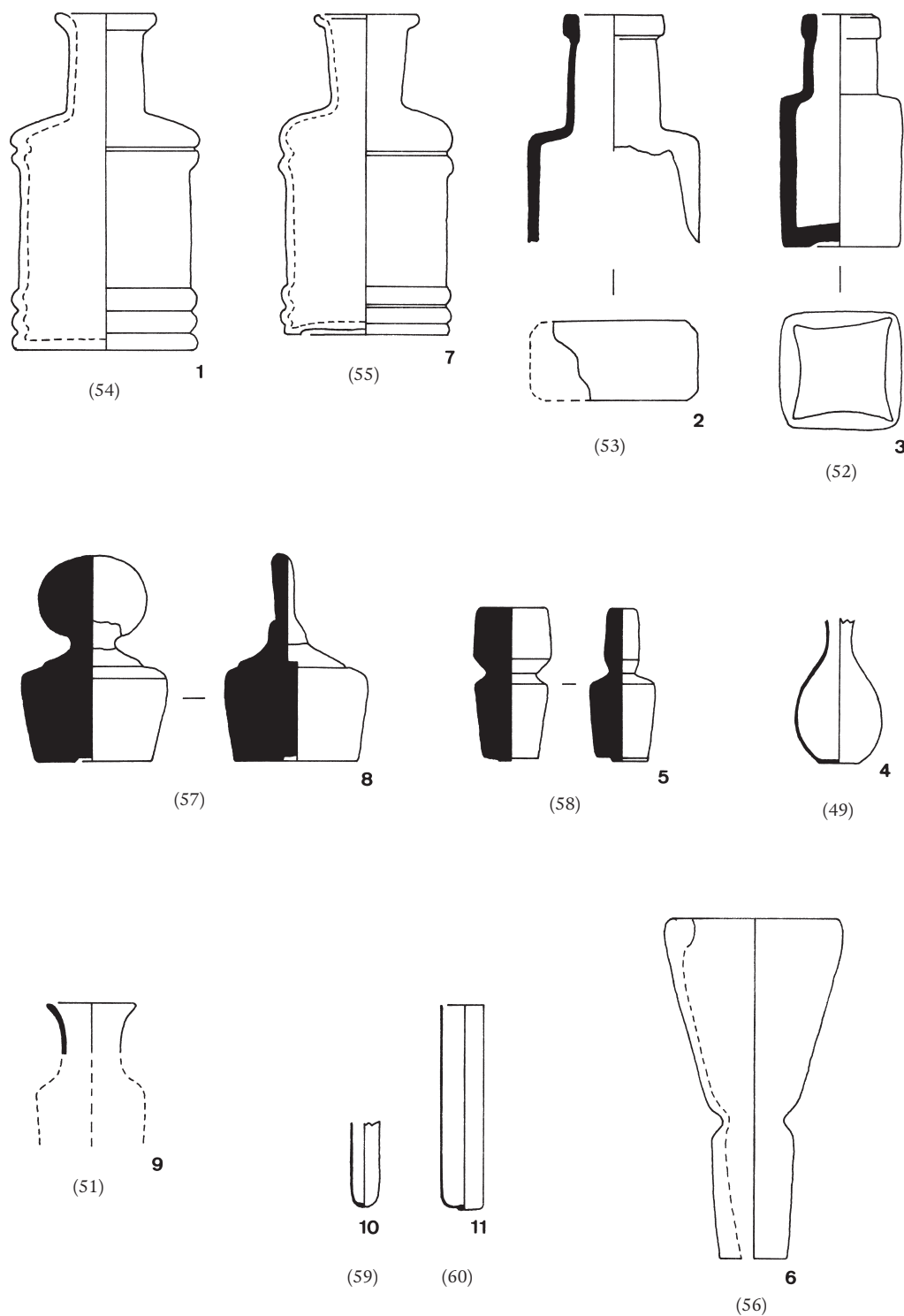
“[O cabelleireiro] ... tira um vidrinho de agua cheirosa, lava as mãos, alimpa-se no lenço...” (Anónimo, 1973, p. 11).

O n.º 49 é um frasquinho particularmente semelhante aos frascos de perfume, lenticulares ou não, de 9 cm de altura, descobertos nas escavações da Casa dos Bicos, que foram datados dos séculos XVII-XVIII (*Catálogo da Exposição...*, 1994, p. 264, n.º 367) (Fig. 7/1). E, tal como estes, todos os exemplares, de diferentes proveniências, constantes da Fig. 7, foram feitos em vidro transparente incolor. Todavia, a técnica é ora a sopragem livre, ora a sopragem em molde bivalve, que deixou nas peças as estrias habituais (n.ºs 49, 54 e 55), testemunho de uma técnica artesanal desenvolvida, porquanto a matéria apresenta, no caso dos n.ºs 54 e 55, uma tonalidade esverdeada.

Segundo Ashurst, os pequenos frascos de fundo quadrangular, como o n.º 52, serão tinteiros ou frascos de perfume (Ashurst, 1987, p. 194), mas o fundo n.º 53 assemelha-se ao de uma garrafa de vinho inglesa, de bolso, publicada pelo mesmo autor (Ashurst, 1987, p. 121, fig. 35/2). Não poderão o frasco de secção quadrangular de Coima (Fig. 7/6) e o n.º 53 de Tomar ter sido concebidos, também, como frascos de algibeira? É o que sugere a forma achatada, se cotejada com a segunda das passagens de teatro de cordel acima citada.

O n.º 3 da Fig. 7, proveniente de Sintra, terá igualmente sido um frasquinho de perfume.

A forma dos bordos permite distinguir, com alguma segurança, os frascos de uso cosmético dos frascos de uso farmacêutico. Os autores canadianos do *Glossaire du Verre...* apresentam o bocal de bordos esvasados como sendo o de tipo farmacêutico (Jones e Sullivan, 1985, p. 27-28 e 97). (Fig. 7/13) Ora é este o tipo de bordo que surpreendemos na frascaria inglesa do século XVIII dita de uso farmacológico (Fig. 7/12), bem como nos frascos da 1.ª metade do século XVIII de Évora (Ferreira, 2000, p. 374, fig. 10) (Fig. 7/4-5) e nos da Baixa de Lisboa da 2.ª metade do mesmo século (Fig. 7/7-8). Não é pois de estranhar que o mesmo tipo de bocal surja no esboço do “Frasco” do Catálogo da Real Manufatura (Barros, 1969, Est. XXXIV) (Fig. 7/11).



Estampa II

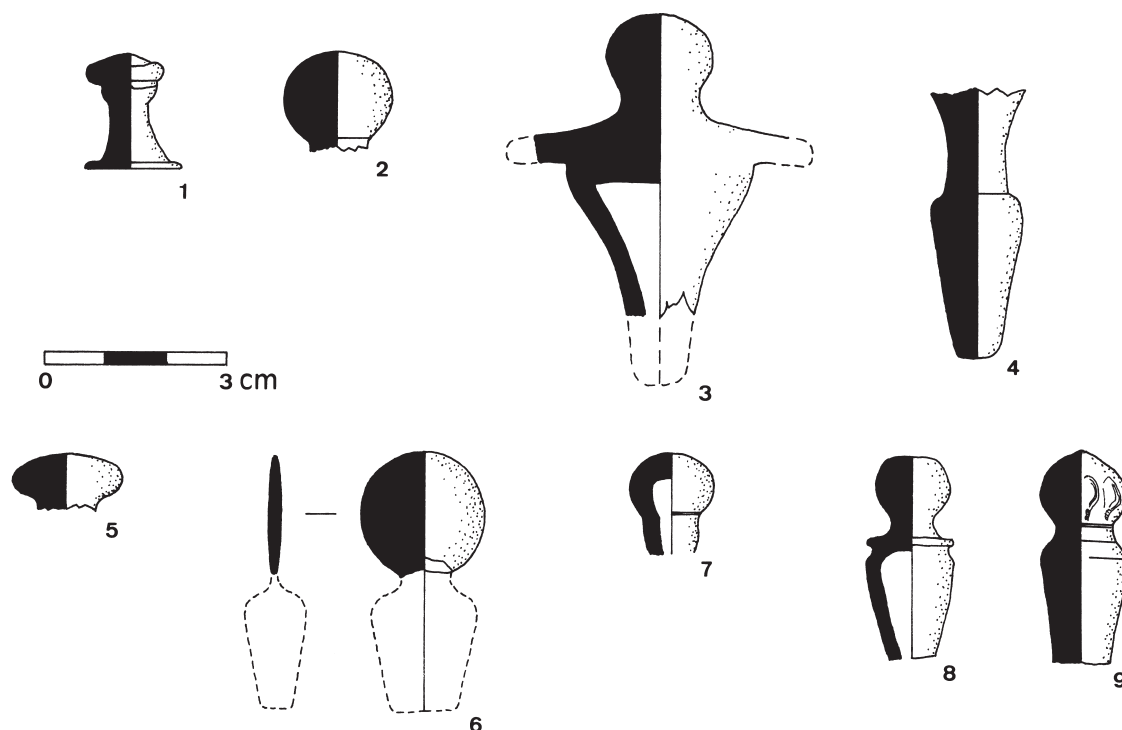


Fig. 9 Elementos de obturação. 1 – Tomar, Convento de Cristo – Paços do Infante (1985); 2 e 4 – Lisboa, Teatro Romano (1989); 3 – Lisboa, Rua das Pedras Negras (1992); 5 – Lisboa, Palácio Penafiel (1991); 6 – Lisboa, Rua dos Correiros (1991); 7 – Toscana (Lucca, 1982, in Stiaffini, 1998, fig. 8/5); 8 – Inglaterra (Temple Balsall, 198...) in Gooder, 1984, fig. 42/59); 9 – Inglaterra (Aldgate, 1974) in Thompson et al., 1984, fig. 46/24.

Nos séculos XVII e XVIII, preparações de botica continuavam a ser transportadas para o domicílio neste tipo de frascos que eram também os contentores das mezinhas caseiras. Os bordos esvasados evitavam o desperdício do conteúdo. Tal intento é particularmente evidente no bordo esvasado curvo do n.º 55.

Seriam deste tipo os “51 vidrinhos pequeninos” mencionados no Inventário de 1771 da Botica do Convento de Mafra (Carvalho, 1992, p. 33)?

Outros frascos, rolhas e provetas

Os contentores comerciais, raros durante o século XVII, tornar-se-iam mais frequentes no decurso do século XVIII, segundo Jones e Sullivan (1985, p. 27-28), e a moldagem em cadeia conferir-lhes-ia, ainda antes do fim da centúria, um *facies* menos linear. Os n.ºs 54 e 55 de Tomar e o frasquinho de Lisboa da Fig. 8/10 são de tal exemplo.

Os frascos supõem a existência de rolhas, de qualquer material que fosse: cortiça, madeira, vidro... O n.º 9 da Fig. 8, o único em vidro colorido (amarelo acastanhado) apresentado, tem um bocal concebido para receber uma rolha de rosca. Apresentam-se, na Fig. 9, diversos outros tipos de elementos de obturação em vidro de proveniência arqueológica diversa.

Primeiramente, porém, passemos em revista os espécimes de Tomar. (Est. II)

Certas rolhas, do tipo da n.º 56, eram concebidas de forma aberta e oca para poderem substituir, na ausência dele, um copo, na ingestão de um trago de bebida ou de uma porção de medicamento. A forma do n.º 57 está documentada pelo Catálogo da Vista Alegre de 1829 (Basto, 1924,

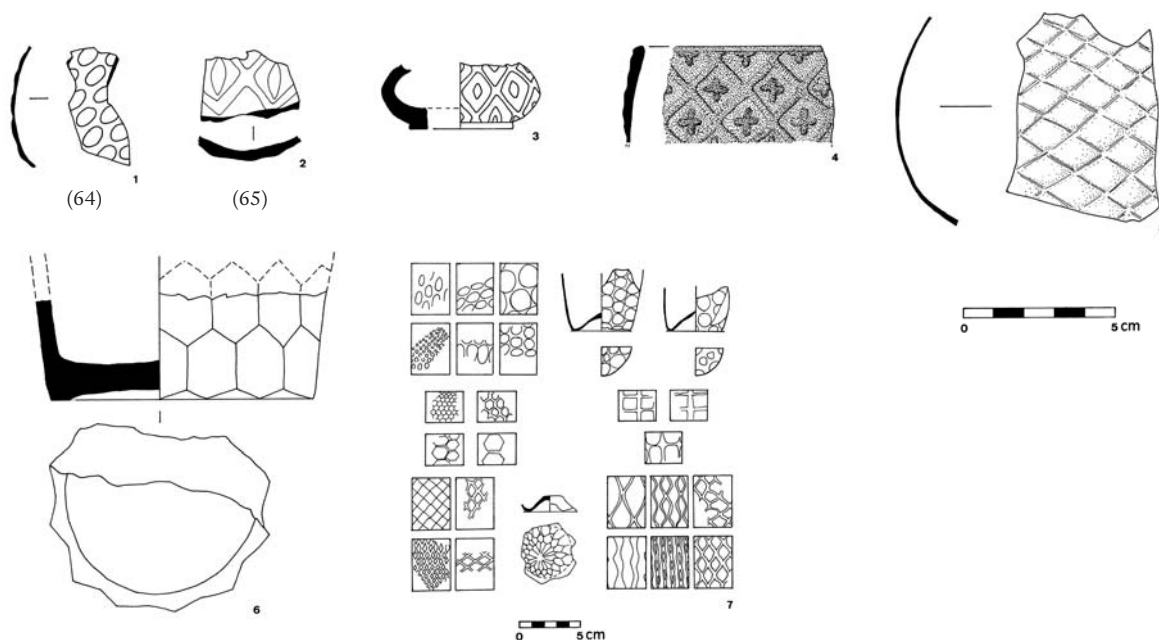


Fig. 10 Fragmentos soprados em molde de padrão. 1, 2 e 4 - Tomar, Convento de Cristo - Paços do Infante (1-2 - 1994; 4 - 1985); 3 - Sintra, Rua Gil Vicente (1983); 5 - Coimbra, Alcáçova (1979); 6 - Coima, Estação arqueológica da Real Manufatura (1988); 7 - San Giovanni (Toscânia, Itália) in Boldrini e Mendera, 1994, p. 507.

p. 87 e 89). O n.º 58 é uma rolha do tipo das dos frascos, em vidro incolor ou colorido, de éter, beladona, amoníaco e produtos similares, patentes numa página de um catálogo inglês publicada por Ashurst (s.d. [1983], p. 88, fig. 26). De pega achatada oblonga e corpo cilíndrico, esta rolha de cor laranja acastanhado foi moldada em molde bivalve (p. 422-423).

Todas estas rolhas, que provieram de níveis superficiais, são datáveis do século XIX ou do século XX.

A mesma cronologia terão as rolhas n.ºs 4 e 5 da Fig. 9, enquanto que os demais elementos de obturação nela figurados são modelos dos séculos XVII (1 - pega de tampa e 7 - rolha) e XVIII (2, 3, 4 e 6 - rolhas) datados por contextos arqueológicos precisos. Reconstituímos o n.º 3 da Fig. 9 de acordo com paralelos do século XVIII (Newman, 1977, p. 77: garrafa de gelo da Boémia); *Real Fábrica de Cristais...*, 1991, p. 80, fig. 20 (licoreira), embora esta forma de rolha remonte, pelo menos, ao século XVI (*Bull. De l'Association...*, 1983, p. 124, fig. 3 (garrafa) e se tenha prolongado, na vidraria de mesa, em garrafas e galhetas, designadamente, até ao século XIX adiantado. Subsiste mesmo nas garrafas de apanhar moscas do último quartel de oitocentos (*O Vidro em Portugal*, 1989, p. 55).

Os n.ºs 59 e 60 são minúsculas provetas e o n.º 61, talvez parte de um ourinol.

Fragmentos decorados

Além da decoração acima e adiante considerada a propósito de vasos cuja forma não oferece especial dúvida, existem neste espólio dois fragmentos ornados por sopragem em molde que merecem alguma atenção. Trata-se dos n.ºs 64 e 65 (p. 422-423).

Ambos foram dotados de padrões que se encontram entre um reportório decorativo de copos, com pé ou sem ele, publicado em 1994 em Itália, a partir do estudo de material arqueológico toscano dos séculos XVI-XVII (Fig. 10/7).

O n.º 64 (Fig. 10/1) corresponde ao motivo II deste reportório, e particularmente à sua variante E, enquanto que o n.º 65 (Fig. 10/2) é análogo ao tipo VIB. Se para o primeiro destes motivos não podemos citar paralelos exumados de solo português, já o segundo foi detectado num fundo de frasco recuperado em Sintra. (Fig. 10/3)

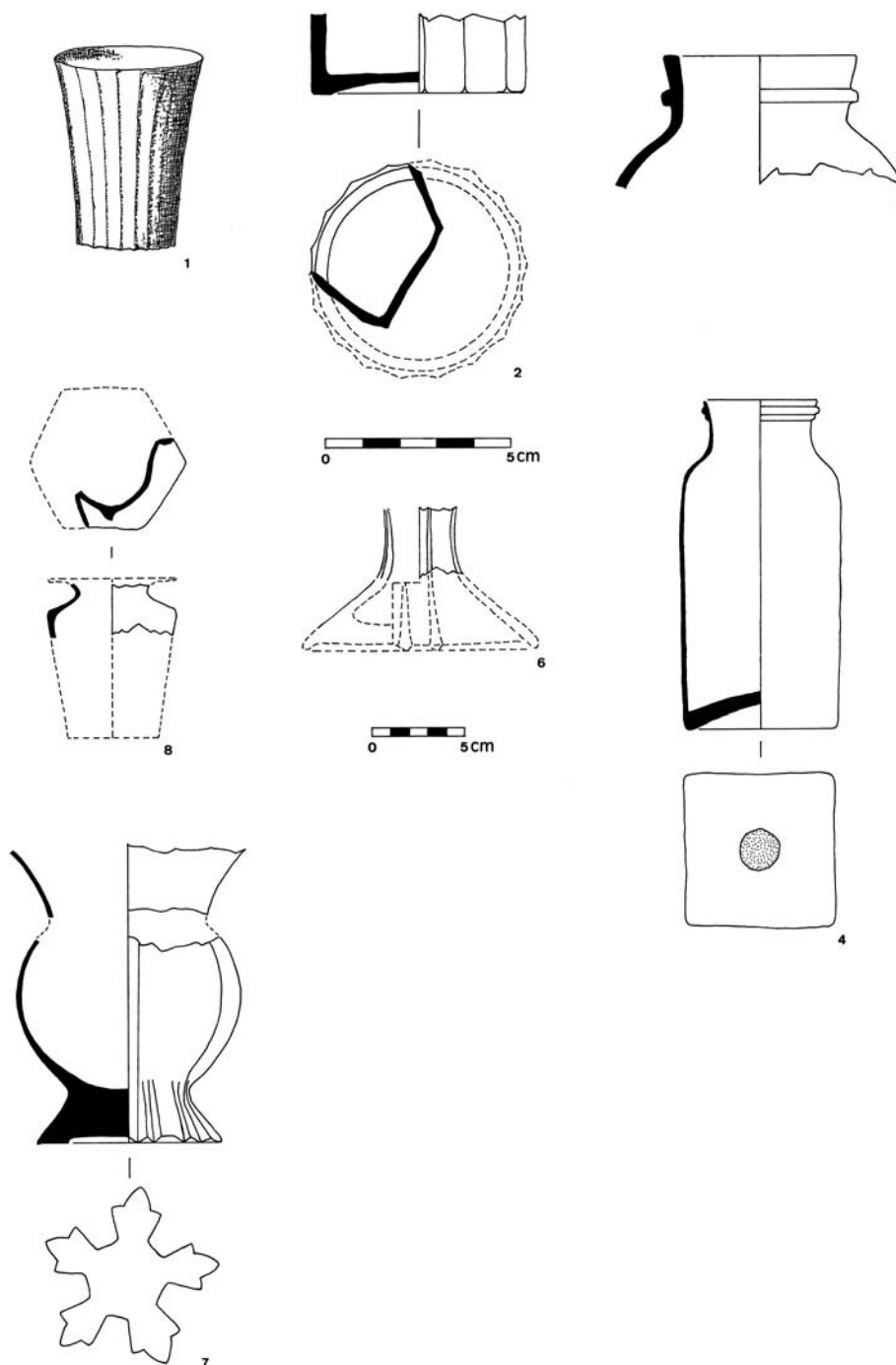


Fig. 11 Vasos poligonais. 1 – “Copos de molde novo fundos grossos”, Est. IX do Cat. da Real Manufatura (c. 1772); 2 e 3 – Tomar, Convento de Cristo – Paços do Infante (1994); 4 e 5 – Lisboa, Palácio Penafiel (1991); 6 – Tomar, área urbana (1990); 7 – Lisboa, Teatro Romano (1989).

Outros fragmentos de parede, procedentes da campanha de 1985 nos Paços do Infante do Convento de Cristo, em Tomar, por nós publicados, ostentam a mesma padronagem losangonal, desta feita não pontuada centralmente por qualquer ornato. A respeito destes fragmentos referimos a persistência deste motivo, no século XVII, em quase toda a Europa, como prolongamento da tradição veneziana, numa época em que a gramática decorativa europeia do vidro começava a alterar-se substancialmente (Ferreira, 1989, p. 80-81, fig. 1).

Excepcional é a flor que pontua os losangos do copo da Fig. 10/4: não a encontramos tão pouco na bibliografia a que tivemos acesso sobre o vidro catalão de seiscentos ornado por malhas losangonais, pontuadas ou não (Gudiol Ricart, 1936, Est. 87 A e B)¹⁰.

Referindo-nos ainda ao reportório italiano de Boldrini e Mendera, e posto que ausente do espólio de Tomar aqui em análise, não deixaremos de salientar que o motivo VIA ocorreu num fragmento exumado da Alcáçova de Coimbra (Fig. 10/5) e que um copo de Coima ilustra o padrão IIIB (Fig. 10/6).

Vasos poligonais

A profusão de miúdas facetas côncavas que se observam no copo n.º 13 (Fig. 11/2) acaba por, de alguma forma, mascarar a forma poligonal deste vaso que, em última análise, se assemelha ao modelo dos “Copos de molde novo fundos grossos” esboçado no Catálogo da Real Manufatura da Marinha Grande (Barros, 1969, Est. IX). Do mesmo contexto proveio outro exemplar igual, também transparente incolor, de diâmetro inferior em 4 mm ao exemplar ilustrado. Já o n.º 15, com as suas dez facetas planas — o que o aproxima irremediavelmente do copo de Lisboa representado na Fig. 2/1 —, se impõe ao olhar como uma insofismável forma poligonal (p. 409-410).

O mesmo sucede com o n.º 31. Este boião, feito em vidro incolor transparente tingido de verde, deverá ter sido um boião de aba larga análogo aos recipientes de secção quadrangular para ginja em que baseámos a reconstituição da Fig. 11/3⁸⁹.

O outro boião de forma poligonal incluído na Fig. 11, exumado do nível do terramoto de 1755 da Baixa de Lisboa, é quadrangular e o seu bordo assemelha-se mais aos dos boiões cilíndricos da mesma época que, por possuírem um anel abaixo do bordo (Fig. 11/5), sugerem um processo de cobertura pelo exterior, com o recurso, por exemplo, a pano. As peças do tipo do n.º 31, pelo contrário, levam a crer num sistema de obturação interno, por meio de uma rolha inserida no colo.

O n.º 32 (p. 416) é um fragmento do colo de um vaso soprado em molde em vidro incolor ulteriormente dobrado a verde segundo a técnica designada, em inglês, por *flashing* e que, na actualidade, é correntemente designada por “lustrina”, para diferenciar este procedimento pouco oneroso do verdadeiro “verre doublé”. A pança globular terá repousado sobre pequenos pés análogos aos de uma peça, pertencente à mesma família de vasos para colocar flores em interiores domésticos, proveniente de um estrato superficial do Teatro Romano de Lisboa. (Fig. 11/7) Trata-se de uma forma gerada por meados do século XIX para a qual existem numerosos paralelos, nos museus portugueses, que resultaram da reconversão de palácios ou outras moradas particulares. Muito popular no final do século XIX—início do século XX, e em consonância com os *designs* Arte Nova, ressurgiu na última década. Reconstituímos o n.º 32 a partir dos paralelos oitocentistas em referência (Fig. 11/6).

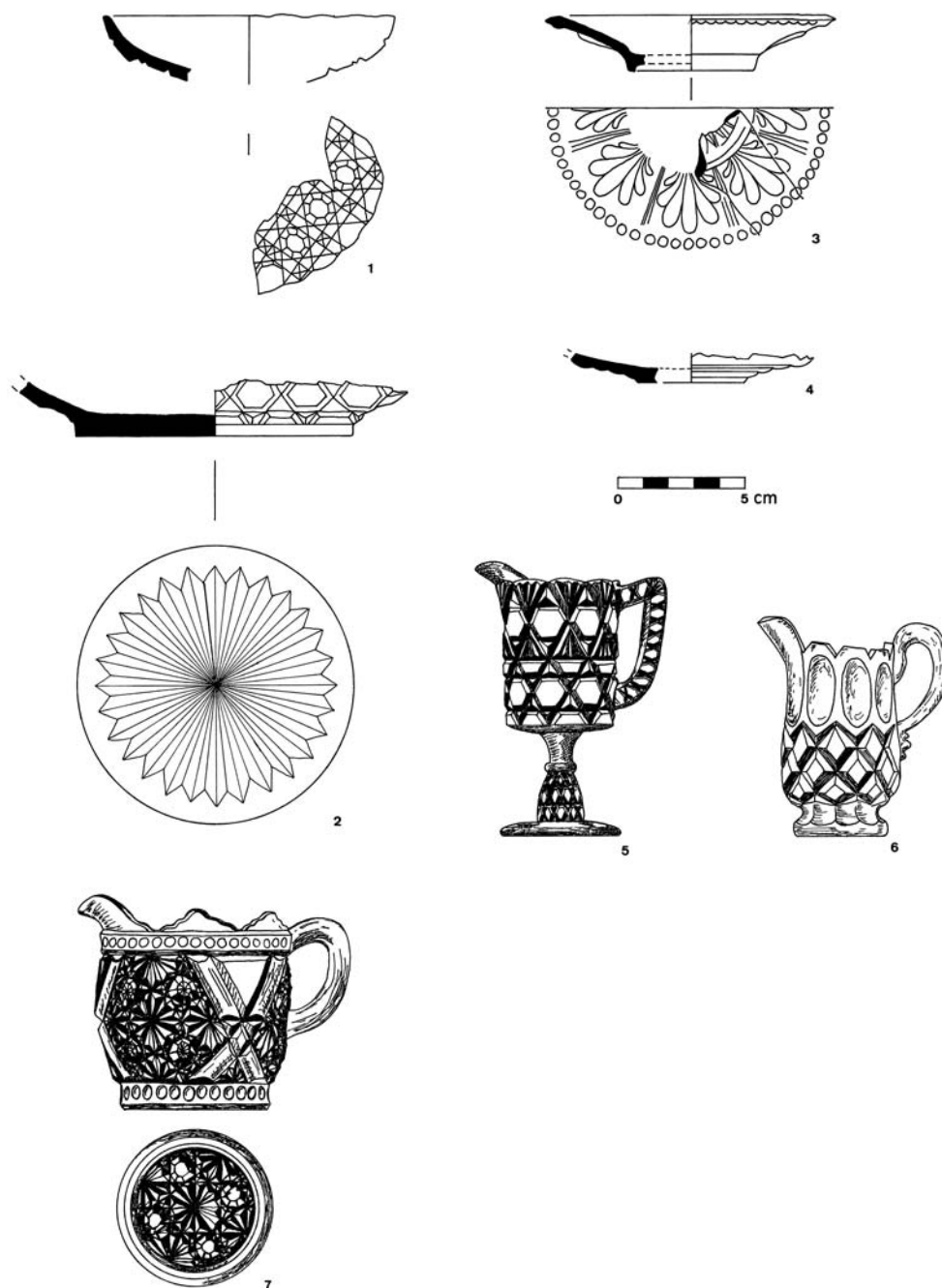


Fig. 12 Vidro prensado. 1 – Tomar, Convento de Cristo – Paços do Infante (1994); 2 – Tomar, Rua Norton de Matos (1985); 3 – Évora, Casa Gouveia (199...); 4 – Sintra, Necrópole de Santa Maria (1982); 5 – E.U.A. (1875-85), in Batty, 1978, p. 76-78, n.º 79; 6 – Inglaterra (1860-70), *idem*, p. 26, n.º 19; 7 – E.U.A. (1880-90), *idem*, p. 65-66, n.º 65.

Vidro prensado

Sendo raros os exemplares de objectos prensados que têm sobrevivido nos espólios arqueológicos vítreos que temos tratado, julgamos oportuno valorizar este tipo de produção a propósito dos dois fragmentos de Tomar (n.ºs 66-67), mediante algumas reflexões sobre o carácter da decoração que ostentam (p. 424).

Em 1827 foi inventada, nos Estados Unidos da América, a máquina de prensar que permitiu democratizar a posse de vasos de vidro aparentados, no aspecto, com aqueles em que, por lapidação, se haviam materializado, no vidro, as estéticas barroca e neoclássica.

Nos Estados Unidos como na Europa, o vidro prensado prolongou assim, até meados do século XX, a fruição da gramática decorativa de fins de seiscentos e de setecentos, desta feita pelas camadas populares.

Numa boa parte das formas abertas do serviço da mesa encontram-se um largo número de formas octogonais (Spillman, 1981, p. 50, n.º 100 (Nova Inglaterra, c. 1830-1850); Spillman, 1981, p. 58, n.os 128-129, c. 1835-1850; Spillman, 1981, p. 362, n.º 1409 (Inglaterra ou Escandinávia, c. 1850-1870), bordos de recortes muito elaborados (Spillman, 1981, p. 97, n.os 278 e 286 (Nova Inglaterra, c. 1835-1850); Spillman, 1981, p. 360, n.º 1402 (Inglaterra, c. 1830-1840); Spillman, 1981, p. 379, n.º 1468 (França, c. 1835-1855), concomitantemente ou não com composições em que abundam o acanto (Spillman, 1981, p. 56, n.º 125 (Nova Inglaterra, c. 1830-1845); Spillman, 1981, p. 360, n.º 1403 (Inglaterra, c. 1837-1840), volutas (Spillman, 1981, p. 53, n.º 112 (Midwest, c. 1835-1850); Spillman, 1981, p. 380, n.º 1469 (França, c. 1835-1850), conchas (Spillman, 1981, p. 102, n.º 301 (Nova Inglaterra, c. 1830-1840), vasos canelados (Spillman, 1981, p. 58, n.os 129-130 (Nova Inglaterra, c. 1835-1850) e cestos com flores (Spillman, 1981, p. 45, n.º 76 (Nova Inglaterra, c. 1830-1833), em padrões ornamentais que fazem lembrar, por vezes, peças de ourivesaria (Spillman, 1981, p. 383, n.º 1482 (Bélgica, c. 1830-1850); Spillman, 1981, p. 391, n.º 1512 (França ou Bélgica, c. 1830-1850) e exemplares das primeiras porcelanas europeias (Spillman, 1981, p. 360, n.º 1401 (Inglaterra, c. 1826-1836).

A rigorosa simetria dos esquemas ornamentais acentua a comunhão, com os cânones de um barroco persistente, do vidro prensado do 2.º quartel do século XIX.

Motivos da centúria de seiscentos que persistem pontualmente na decoração do vidro prensado são, ainda, a cadeia — presente não só no vidro por vezes ainda gravado a ponta de diamante (Gudiol Ricart, 1936, St. 77; Frothingham, 1963, figs. A-B, 46, 48B, 50 e 65A) como na faiança (Ferreira, 2003, p. 759) e que ocorre designadamente em leiteiras prensadas americanas (Spillman, 1981, p. 14, n.º 136 (Pittsburgh, c. 1829-1932); Spillman, 1981, p. 69, n.º 161 (Nova Inglaterra, c. 1830-1840), e a ponta de diamante, observável em produtos ingleses (Batty, 1978, p. 47, n.º 46) como em produtos portugueses, mormente da Fábrica da Vista Alegre, de que o copo com a efígie em caulino da rainha D. Maria II (1837-1840) é exemplo maior (Basto, 1924, p. 89; Spillman, 1981, p. 398, n.º 1535).

Quando comparados com os espécimes que suscitam a análise que precede, os vidros prensados de Tomar (Fig. 12/1-2) são claramente datáveis da 2.ª metade do século XIX. E, de todos os exemplares que apresentamos na Fig. 12, apenas o pratinho de Évora — já que a base de Sintra é pouco eloquente — partilha as características da decoração do vidro prensado da 1.ª metade do século XIX, nas folhas de acanto e no rebordo perolado (Spillman, 1981, p. 14, n.os 343 e 345 (provavelmente Nova Inglaterra, c. 1830-1845).

Os motivos dos n.os 1 e 2 da Fig. 12 ocorrem em peças estrangeiras, no âmbito de composições diversas, por vezes tipologicamente diferentes que integram, ou existe notícia de terem integrado, serviços de mesa bastante completos que compreendiam, além de copos e de vários jarros de capacidade variável, taças de sorvete, tabuleiros, pratos rasos e côvos, *finger-bowls* e, até, vasos para a salsa.

Da leiteira n.º 6 à n.º 7, passando pela n.º 5 (Fig. 12), é detectável a complexificação do desenvolvimento da ponta de diamante da 1.ª metade do século XIX. Ora a leiteira n.º 6 é um produto inglês (Batty, p. 78, n.º 47) e o motivo de meios poliedros hexagonais conjugados com pirâmides

triangulares, que se observa no n.º 7, foi introduzido em 1886 ou 1887 pela *Steuben Flint Glass Works* (Batty, 1978, p. 68; *The Encyclopedia of Glass*, p. 190), cujo impacto no fabrico do vidro prensado é bem conhecido.

Se é a leiteira n.º 5 — peça americana de um serviço que incluía, entre outros, compoteiras altas e baixas, açucareiro e manteigueira cobertos e um prato raso de 48 cm de diâmetro — que ostenta um padrão mais semelhante ao do n.º 67 de *Tomar* (Fig. 12/2), o fundo deste, em estrela biselada, é igual ao do n.º 6 e comparável ao do n.º 7 da Fig. 12. De facto, os fundos em estrela simples, quase uma constante nos exemplares ingleses, não parecem estar presentes senão esporadicamente nos de origem americana Batty, 1978, p. 47, n.º 46 (peça cujo *design*, similar a uma peça de ourivesaria barroca, é atribuído à Inglaterra e datado de 1860-1870); Batty, 1978, p. 124, n.º 137 (Inglaterra, c. 1870), o que leva a crer que a influência estrangeira predominante, em Portugal, tenha vindo de Inglaterra.

Vidraça

Os fragmentos de vidro plano ocorreram nos estratos 3 a 5, associados a vasos formalmente típicos do século XVII e da 1.ª metade do século XVIII. Trata-se de vidro transparente, tingido de amarelo acinzentado, que se encontra geralmente muito irisado. Os fragmentos seleccionados para ilustração conservaram o bordo ligeiramente engrossado (n.ºs 68-69).

Braceletes

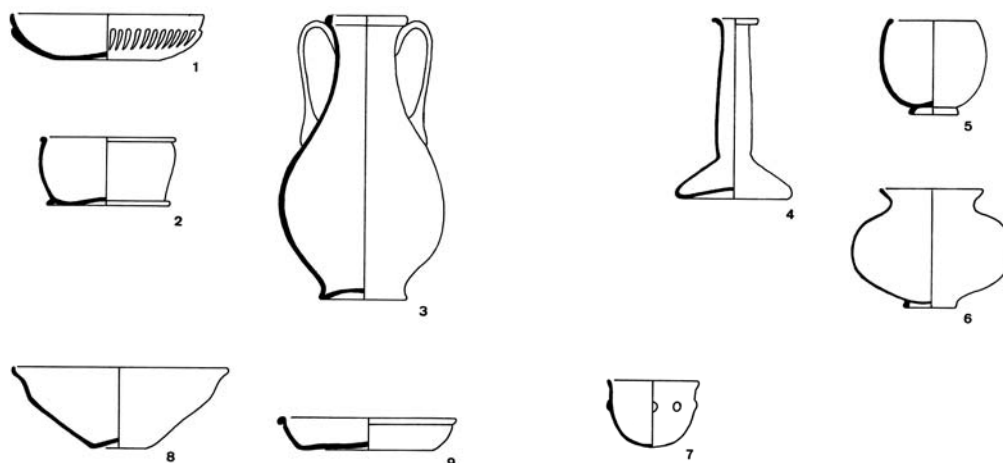
Foram encontradas oito braceletes lisas e uma ornada por modelação a quente (n.º 75). Sete foram feitas em vidro opaco negro e uma em vidro transparente tendencialmente incolor. Os diâmetros variam entre 62 e 82 mm (n.ºs 71-74). O contexto arqueológico de seis delas é o referido para a vidraça.

Vidros romanos · a)

Vasos soprados e moldados (Est. III)

Encontram-se neste conjunto, a par de vidros cujas formas são características dos séculos I e II (n.ºs 79-87), outros mais recentes, atribuíveis aos séculos III-IV (n.º 88) e IV-V (n.ºs 89-93).

Do ponto de vista das especificidades realçáveis quanto à cor da matéria-prima e às modalidades decorativas, são datáveis dos séculos II e III-IV, respectivamente, o único espécimen de cor azul (n.º 85) e um fragmento de parede na qual foi aposta uma pastilha em relevo (n.º 88). Os unguentários do tipo do n.º 84 foram sobretudo frequentes no século II, embora se tenham prolongado pela primeira metade do século III (Alarcão, 1970, p. 254, Est. VI/42). Ele representa a raridade com que colorir intencionalmente o vidro foi opção ao tempo dos Flávios; a decoração de pastilhas, ou protuberâncias, aplicadas em relevo, que se observa no n.º 88, ilustra a preferência dada à decoração plástica por adição de matéria que, no Baixo-Império, gerou vasos de notável artifício ornamental (Morin-Jean, 1913, p. 228 e segs., figs. 299-301; Fremersdorf, 1959, p. 42, st. 19, p. 43, st. 23; *Fouilles...*, 1976, p. 188, st. XLI/184-186 e 187).



Estampa III

Formalmente, o n.º 79 é do tipo 3 de Isings (1957, p. 17). Em Tomar foram já encontrados exemplares mais notáveis — porque em vidro azul e em vidro marmoreado (Ferreira, inédito) — desta forma da 1.ª metade do século I.

A taça n.º 80 parece corresponder ao tipo 19 de Isings, autora que a baliza cronologicamente em meados do século I (Isings, 1957, p. 59); todavia, em Conímbriga, a forma do prato de rebordo tubular foi reconhecida em contextos do século IV (Fouilles..., 1976, p. 193, Est. XLI/198).

Tendo tido origem no século I, a forma da tacinha n.º 81 perdurou ao longo do século II e mesmo do seguinte (Isings, 1957, p. 101-102); a da n.º 82 é do tipo 41a de Isings e remonta igualmente ao século I (Isings, 1957, p. 57).

Ainda da primeira centúria da era cristã serão o bocal de garrafa n.º 83, cujo bordo se assemelha aos de unguentários de menores dimensões (Isings, 1957, p. 40) e aos de garrafas prismáticas (Travieso, 1987, p. 86-87, fig. 64/381). O fundo n.º 84 pode ter pertencido a um *amphoriskos* do século I, da forma 15 da tipologia de Isings (1957, p. 32) (p. 428).

Os unguentários em forma de castiçal n.ºs 85 e 86 — este em vidro verde pálido — correspondem ao tipo 82 B2 de Isings (1957, p. 97). É, por certo igualmente um unguentário o potinho n.º 87, redução adequada a estas funções da forma mais comum das urnas funerárias (Isings tipo 94) (Isings, 1957, p. 111), de que há notícia também na Catalunha (Travieso, 1987, p. 37, fig. 6/64) e na Alemanha (Fischer, 1973, p. 151, Est. 53/7) e datará do século II ou do início do século III.

Os perfis em S das taças n.ºs 89 a 92, característicos dos séculos IV-V, correspondem à forma 70 de Morin-Jean (1913, p. 122-123; Fischer, 1973, p. 151, St. 53/14; Fouilles..., 1976, p. 195, St. XLII/215; Travieso, 1985, p. 77, fig. 47); na tipologia de Isings, porém, elas aproximam-se mais, pelo seu aspecto troncocónico, da forma 117, a despeito de certamente não terem sido providas da decoração de depressões ovuladas dos exemplares que serviram à definição deste tipo.

A asa n.º 93 será datável do século III em diante (Morin-Jean, 1913, Est. 3/di ou d2) e o fundo n.º 94, não podendo ser atribuído a um vaso determinado, permanece indatável.

Objectos de adorno

A única bracelete a referir, feita em vidro opaco negro e estriada obliquamente a quente com um utensílio metálico, é análoga às que, em Conímbriga, foram recuperadas predominantemente de níveis da 2.ª metade do século I (Fouilles..., 1976, p. 211, Est. XLVI/311-312).

As contas de colar assumem a forma de simples anéis perfurados, de diâmetros variáveis entre os 11 e os 14 mm. Contam-se sete em vidro transparente azul, duas em vidro opaco azul, uma, encontrada em condições de muito má conservação, talvez originalmente opaca negra (n.º 108) e três cuja cor não é de todo destrinchável dado o estado de alteração da matéria.

Conclusão

Como vem sendo habitual, a perturbação da estratigrafia natural nem sempre garantiu a fidelidade dos materiais exumados de todas as camadas aos períodos a que elas correspondem.

Uma vez que a maioria do espólio foi recolhido nos chamados Paços do Infante do Convento de Cristo, detenhamo-nos primeiramente na distribuição do material vítreo pelos vários estratos detectados nas diferentes áreas escavadas.

Nas camadas mais superficiais, para além dos vasos ou fragmentos de épocas anteriores cuja ocorrência nelas motivaram sucessivos remeximentos do solo, continham um conjunto de materiais que no-la configuram como uma lixeira na qual foi indiscriminadamente lançado todo o tipo de entulho, entre o qual se conta algum vidro prensado de data recente. Os materiais ilustrados provieram todos deste contexto de entulhos (níveis 01 e 03 e estratos 1 a 5) e de um pavimento moderno destruído e só discernível nas salas 1 e 4, nas quais, todavia, não foi recolhido material de interesse. Ilustrativos do que acabamos de afirmar são uma telha de vidro industrial (estrato 3 da Sala 3A, Banquete Sul) e um berlinde (nível 03 da sala 2). No nível 01 da Sala 3, um fragmento de vidro de garrafa que ostenta, debuxadas, construções que parecem poder interpretar-se como instalações fabris, acompanhadas da legenda «REFRIGE[RANTES]», atesta igualmente a mistura de materiais de datas recuada e recente.

Relativamente à globalidade do espólio da Idade Moderna, há particularmente que fazer notar que

- os copos de pés de tipo veneziano cedem o lugar aos modelos da Europa central e do Noroeste;
- a gramática decorativa das peças sopradas em moldes de padrão permanece fiel à sensibilidade meridional: quer se trate de copos, quer de recipientes destinados à conservação de líquidos, persiste uma decoração de motivos miúdos e leves em vidro assaz fino;
- enquanto os copos cilíndricos e troncocónicos moldados em vidro relativamente espesso caminham para a standardização que foi consequência do advento do modo de produção manufactureiro, se postos de lado certos tipos muito peculiares de certas regiões, como é o caso dos *Römer*, por exemplo, os jarrinhos de asa, que talvez tenham cumprido a função de galhetas, e certos frascos, que podem ter conservado óleos ou perfumes, atestam o prolongamento da existência de oficinas cujos processos de produção eram artesanais;
- a raridade que constituía a garrafa cilíndrica n.º 34 — dita, à época, de «vidro negro» —, frequente em outras estações arqueológicas, acentua o carácter de transição de um espólio que balança entre as reminiscências do artesanato herdeiro da estética mediterrânica procedente do Médio Oriente — de que o frasco a que pertenceram, verosimilmente, os números 36 e 37 será paradigmático exemplo — e as primícias do uso de uma vidraria votada a mais popular e generalizada utilização, como são os copos para tabernas.

Catálogo

N.º 1 – Copo

Fundo cónico. Sopragem livre. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 28 B4), contendo minúsculas bolhas de ar. Ø 68 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 3.

N.º 2 – Copo

Rebordo boleado. Sopragem livre. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 28 C5), contendo minúsculas bolhas de ar, ligeiramente irisado. Ø 100 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 7.

N.º 3 – Copo

Rebordo boleado. Sopragem livre. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 28 C5), contendo minúsculas bolhas de ar. Ø 82 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Este 01 Entulho.

N.º 4 – Copo

Rebordo boleado. Sopragem livre. Vidro transparente incolor tingido de verde (Methuen 29 A2), contendo minúsculas bolhas de ar. 94/TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Este 01 Entulho.

N.º 5 – Copo

Rebordo boleado. Sopragem livre. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 29 B4), contendo minúsculas bolhas de ar. Estrias da sopragem. Ø 82 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 1.

N.º 6 – Copo

Rebordo boleado. Sopragem livre. Vidro transparente incolor ligeiramente irisado. Ø 80 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3B 2

N.º 7 – Copo

Rebordo boleado. Sopragem livre. Vidro transparente incolor, muito irisado. Ø 78 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Este 01 Entulho.

N.º 8 – Fundo cónico (de copo?)

Sopragem livre Vidro transparente incolor esverdeado (Methuen 26 A2), contendo minúsculas bolhas de ar. Ø indeterminável. 94/TOM/CC/PI Sala 3A Banq. Sul 2.

N.º 9 – Fundo cónico (de copo?).

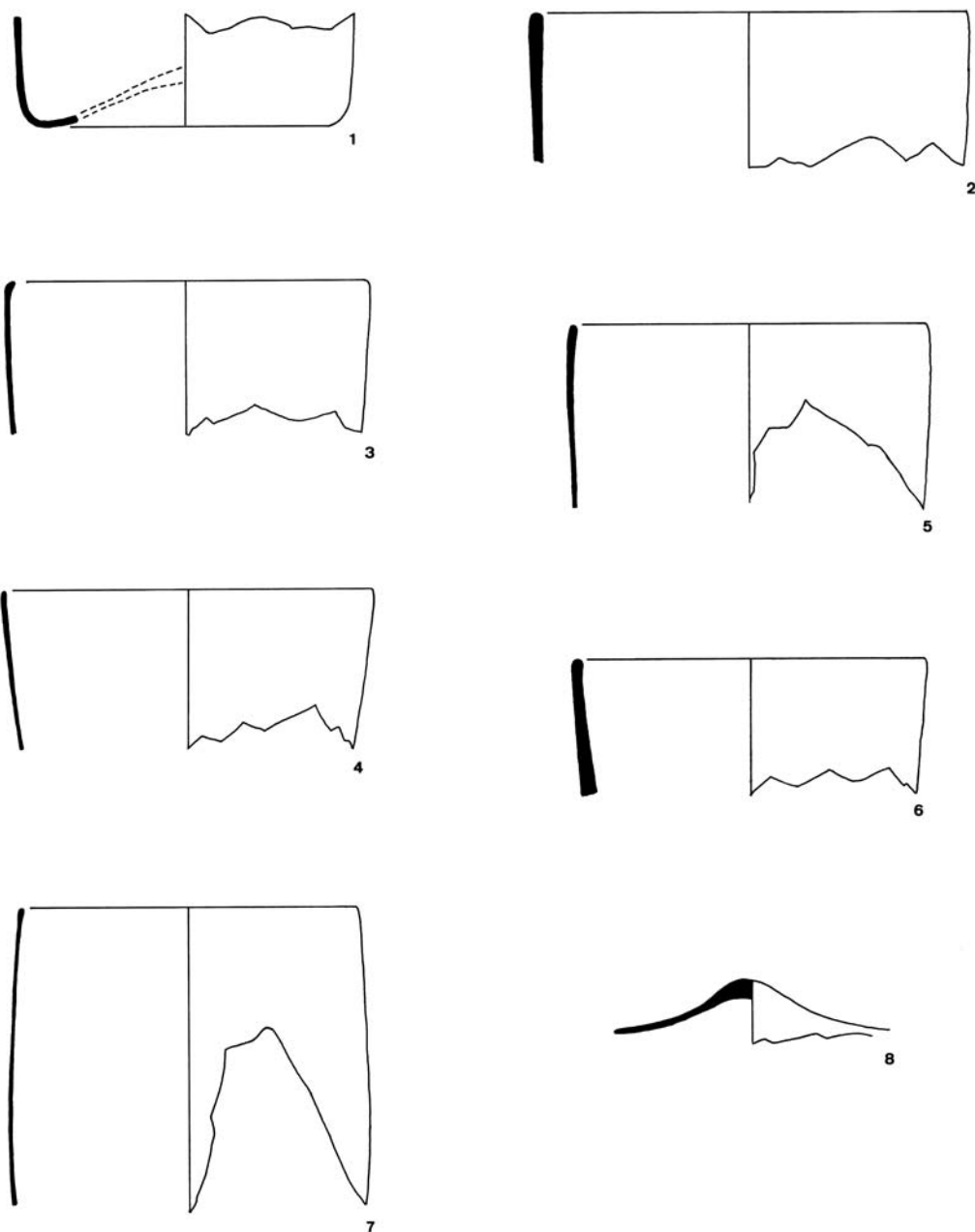
Sopragem livre Vidro transparente incolor. Ø 45 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3B Banq. Sul 3.

N.º 10 – Fundo cónico (de copo?)

Sopragem livre. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 30 C5) ligeiramente irisado, contendo minúsculas bolhas de ar. Ø 45 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Este 01 Entulho.

N.º 11 – Fundo cónico (de copo?)

Sopragem livre Vidro transparente incolor acinzentado (Methuen 28 B3), contendo minúsculas bolhas de ar. Ø indeterminável. 94/TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Este 01 Entulho



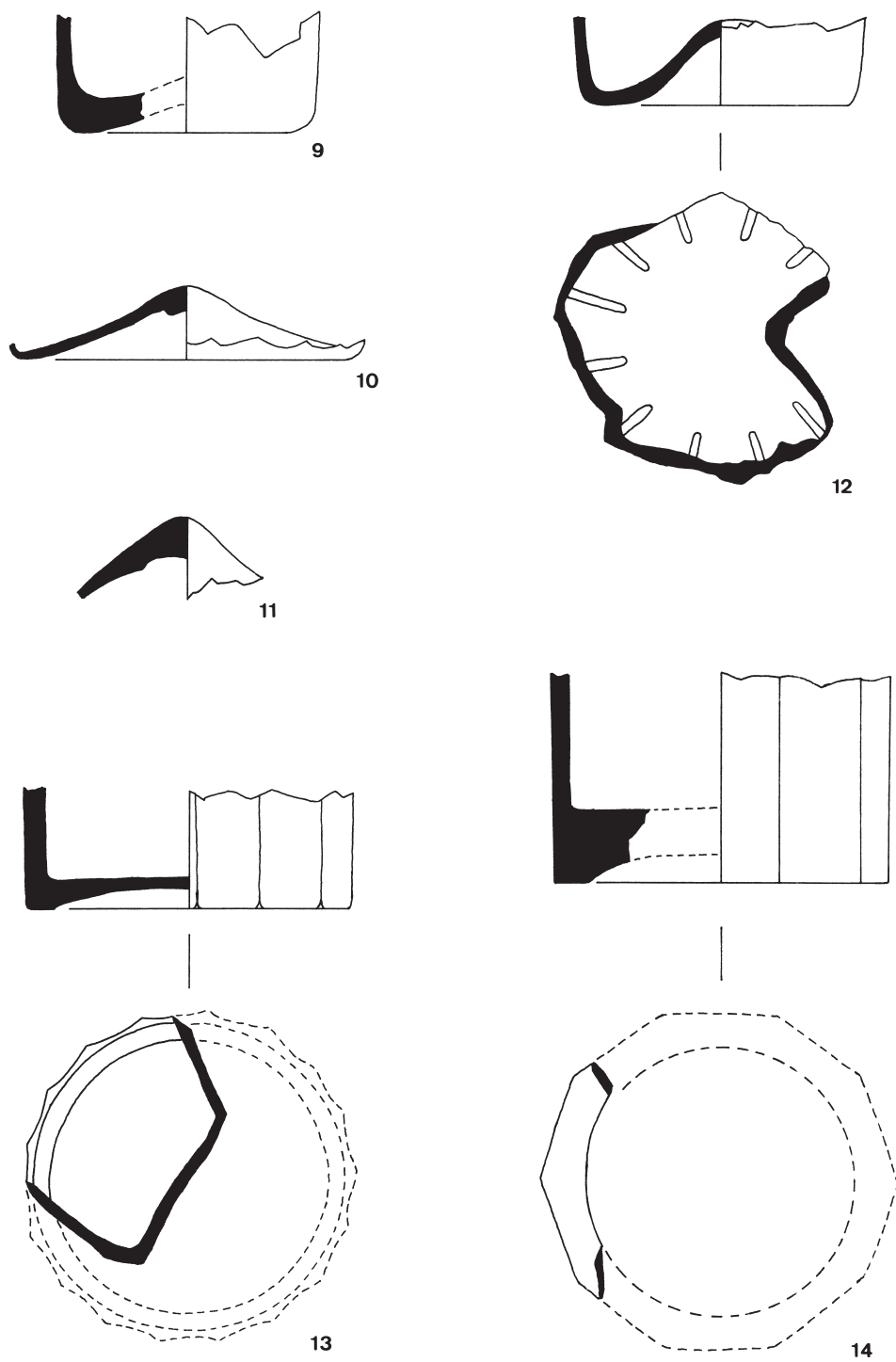
Cat. 1

N.º 12 – Copo

Cilíndrico. Sopragem em molde que imprimiu, no fundo cónico, curtas estrias irradiando do centro. Vidro transparente incolor, irisado. Ø 48 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 3.

N.º 13 – Copo

Cilíndrico. Fundo em forma de polígono de 18 lados cujas arestas se prolongam na parede do vaso determinando outras tantas facetas côncavas. Sopragem em molde. Vidro transparente incolor. Ø 58 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3B Banq. Sul 3.



N.º 14 – Copo

Cilíndrico. Fundo em forma de decágono cujas arestas se prolongam na parede do vaso determinando outras tantas facetas planas. Sopragem em molde. Vidro transparente incolor. Ø 59 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3B 2.

N.º 15 – Copo

Troncocónico. Fundo em forma de decágono cujas arestas se prolongam na parede do vaso determinando outras tantas facetas côncavas. Sopragem em molde. Vidro transparente incolor, irizado. Ø 47 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3B 2.

N.º 16 – Copo

Troncocónico. Fundo em forma de polígono de 14 lados cujas arestas se prolongam na parede do vaso determinando outras tantas arcadas côncavas e contíguas de três diversas alturas. Sopragem em molde. Vidro transparente incolor, irizado. Ø 48 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3B Banq. Sul 3.

N.º 17 – Copo

Troncocónico decorado, na parte inferior, por arcadas contíguas. Sopragem em molde. Vidro transparente incolor, irizado. Ø 82 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3B Banq. Sul 3.

N.º 18 – Copo

Troncocónico. Sopragem em molde. Vidro transparente verde pastel (Methuen 26 A4), contendo minúsculas bolhas de ar. Ø 46 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3A 1.

N.º 19 – Base de copo de pé

Rebordo tubular. Sopragem livre. Vidro originalmente transparente, de cor indefinível, dada a alteração e a irisão da matéria. Ø 52 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 3.

N.º 20 – Copa de copo de pé

Sopragem livre. Vidro transparente incolor muito irizado. Ø 58 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 03.

N.º 21 – Copa de copo de pé

Sopragem livre. Vidro transparente ligeiramente tingido de verde. Ø 76 mm 83/TOM/RCC ES 2 n.º 152.

N.º 22 – Pé maciço de copo

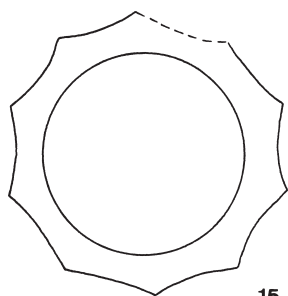
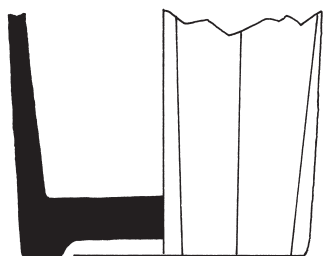
Vidro transparente verde (Methuen 26 B4). 83/TOM/RCC H23 1 n.º 175.

N.º 23 – Pé maciço de copo

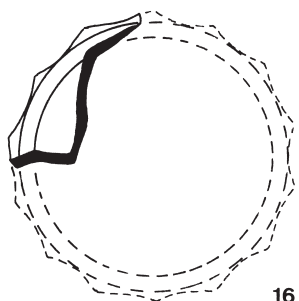
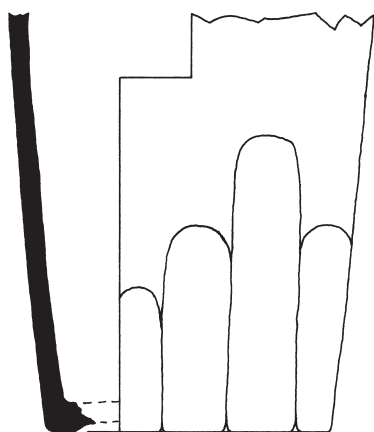
Vidro transparente incolor. 90/TOM/LMB A17 2 n.º 309.

N.º 24 – Pé de copo em forma de balaústre maciço

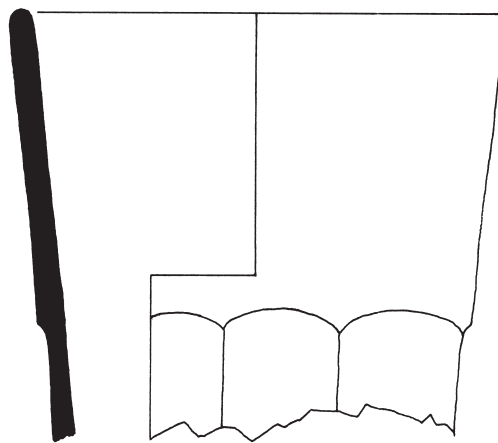
Decorado por lapidação. Vidro transparente incolor. Alt. 43 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3B Banq. Sul 3.



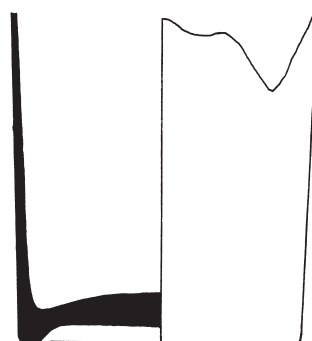
15



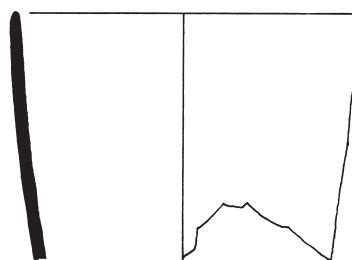
16



17



18



20



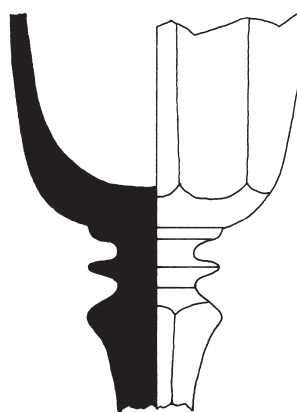
19



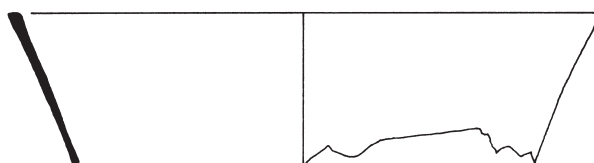
24



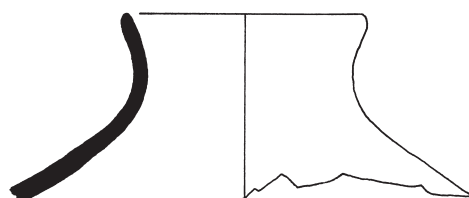
23



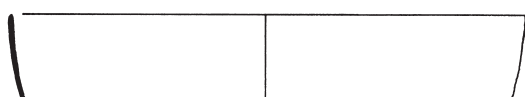
25



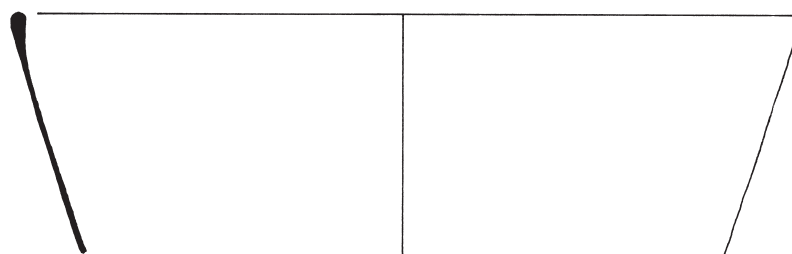
26



29



27



28

Cat. 4

N.º 25 – Copo de pé

Sopragem em molde bivalve. Copa sobre o hemisférico decorada, na parte inferior, por arcadas contíguas e separada do pé maciço, em forma de balaústre nervurado, por um anel achatado. Vidro transparente incolor irizado. Ø provável 50 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3A 1.

N.º 26 – Taça (?)

Paredes rectas esvasadas. Sopragem livre. Vidro transparente incolor ligeiramente irizado. Ø 98 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Sul 3.

N.º 27 – Taça (?)

Paredes levemente arqueadas. Sopragem livre. Vidro transparente incolor esverdeado (Methuen 29 A2), contendo bolhas de ar. Ø 86 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Este 01 Entulho.

N.º 28 – Taça (?)

Bordo engrossado ao fogo. Paredes rectas esvasadas. Sopragem livre. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 28 C5), contendo minúsculas bolhas de ar. Ø 130 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Este 01 Entulho.

N.º 29 – Boião

Bocal estreito. Pança sobre o globular. Sopragem livre. Vidro transparente incolor levemente esverdeado, muito irizado. Ø 40 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 3.

N.º 30 – Boião (?)

Bocal estreito. Abertura esvasada e bordo engrossado ao fogo. Sopragem livre. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 26 C4). Ø 52 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3A Banq. Sul 2.

N.º 31 – Boião ou frasco

Sopragem livre. Bordo em forma de aba larga hexagonal. Corpo cilíndrico. Vidro transparente incolor tingido de verde (Methuen 25 A2). 94/TOM/CC/PI Sondagem A 03.

N.º 32 – Colo de vaso para flores (?)

Secção hexagonal. Sopragem em molde. Vidro transparente incolor dobrado a verde. 90/TOM/LMB A17 1.

N.º 33 – Frasco ou garrafa

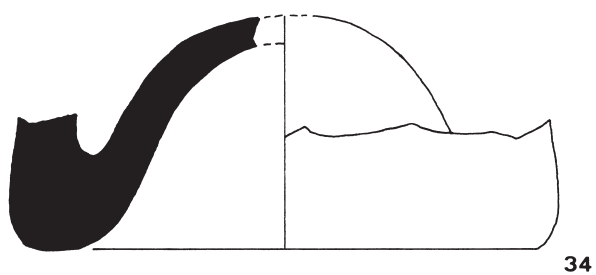
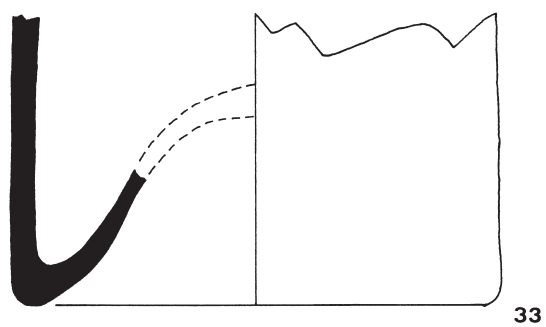
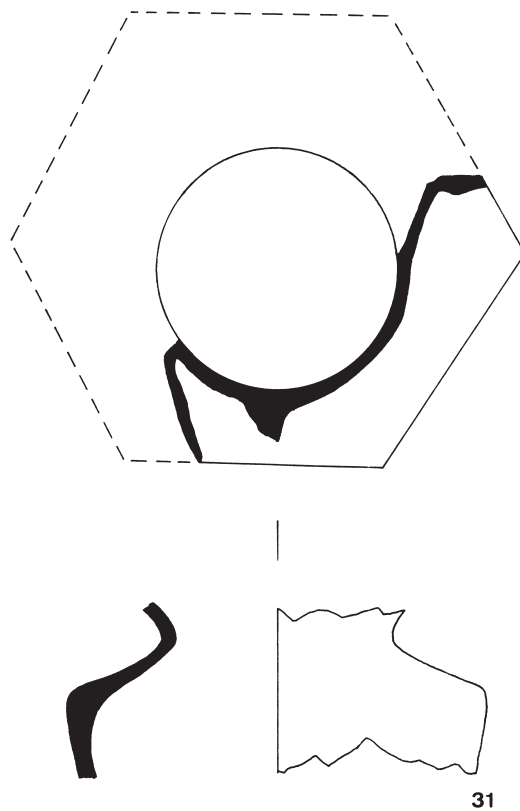
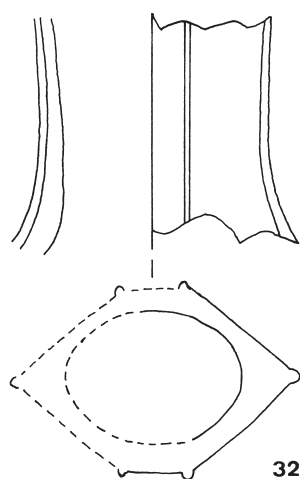
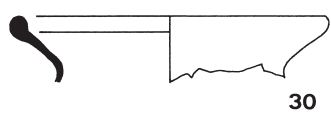
Fundo cónico. Sopragem livre. Vidro transparente incolor tingido de verde (Methuen 25 A2), irizado. Ø 82 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 3.

N.º 34 – Fundo cónico de garrafa

Sopragem livre. Vidro transparente verde profundo (Methuen 28 E8). Ø 82 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3 01.

N.º 35 – Bocal de garrafa

Sopragem livre. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 27 D5), contendo numerosas bolhas de ar. Estrias da sopragem. Ø 42 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Este 01.



N.º 36 – Bocal de garrafa

Bordo largo afunilado sublinhado por uma canelura tubular. Sopragem livre. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 28 C4), contendo minúsculas bolhas de ar. Ø 64 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Sul 3.

N.º 37 – Colo de garrafa encimado por uma canelura tubular

Sopragem livre. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 28 C4), contendo minúsculas bolhas de ar. 94/TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Sul 3.

N.º 38 – Bocal de garrafa

Bordo afunilado. Sopragem livre. Vidro transparente incolor esverdeado muito irizado, contendo bolhas de ar. Ø 35 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3A 2.

N.º 39 – Bocal de garrafa ou frasco

Colo cilíndrico. Bordo em forma de cabeça de fósforo. Sopragem livre. Vidro transparente incolor. Ø 36 mm 90 TOM/LMB A17 1.

N.º 40 – Fragmento de um frasco ou de um jarro

Pança decorada por caneluras oblíquas impressas com recurso a molde. Colo liso soldado *a posteriori*. Vidro transparente incolor esverdeado (Methuen 26 A2). O fragmento não permite restituir dimensões. 94/TOM/CC/PI Sala 3A Banq. Sul 2.

N.º 41 – Fragmento de um frasco ou de um jarro

Pança decorada por caneluras oblíquas impressas com recurso a molde. Colo liso soldado *a posteriori*. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 28 C4), contendo numerosas minúsculas bolhas de ar. O fragmento não permite restituir dimensões. 94/TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Sul 3.

N.º 42 – Fragmento de um frasco ou de um jarro

Pança decorada por caneluras oblíquas impressas com recurso a molde. Colo liso soldado *a posteriori*. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 27 C5), contendo numerosas minúsculas bolhas de ar. O fragmento não permite restituir dimensões. 94/TOM/CC/PI Sala 2 4.

N.º 43 – Fragmento de parede decorada por caneluras impressas com recurso a molde

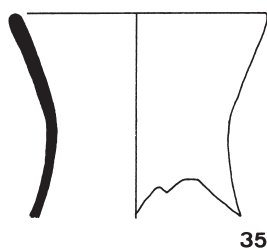
Vidro transparente incolor muito irizado. 94/TOM/CC/PI Sala 2 4.

N.º 44 – Fragmento de parede decorada por caneluras impressas com recurso a molde

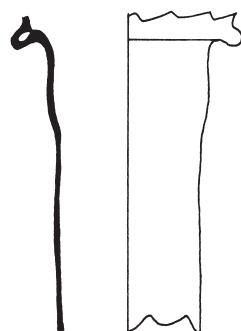
Vidro transparente verde acinzentado. 94/TOM/CC/PI Sala 2 4.

N.º 45 – Jarro

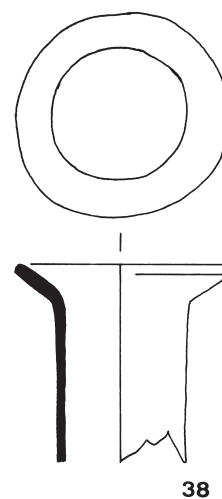
Pança decorada por caneluras oblíquas impressas com recurso a molde. Colo liso soldado *a posteriori*, bem como a asa. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 27 C4), contendo minúsculas bolhas de ar. O fragmento não permite restituir dimensões. 94/TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Sul 5.



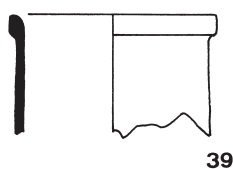
35



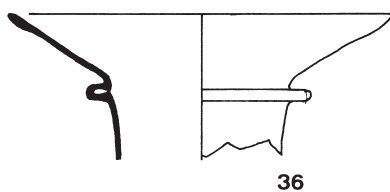
37



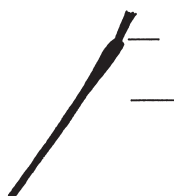
38



39



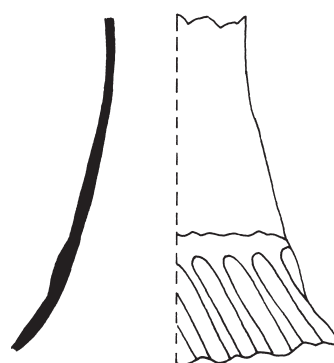
36



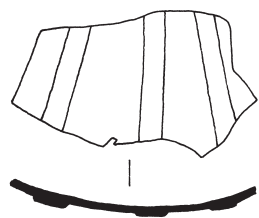
40



41



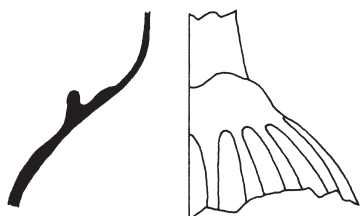
42



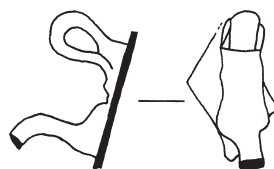
43



44



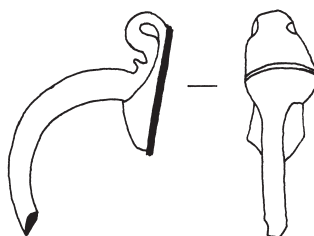
45



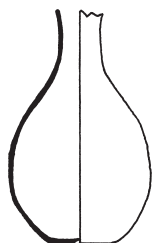
46



47



48



49



50



51

N.º 46 – Asa

Trabalhada à pinça. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 29 D6). 94/TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Este 01 Entulho.

N.º 47 – Asa

Trabalhada à pinça. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 29 D6). 94/TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Este 01 Entulho.

N.º 48 – Asa

Trabalhada à pinça. Vidro transparente incolor muito irisado. 94/TOM/CC/PI Sala 2 3.

N.º 49 – Frasquinho

Soprado em molde bivalve. Vidro transparente incolor. Ø 11 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3A 1.

N.º 50 – Galbeta (?)

Sopragem livre. Vidro transparente incolor leitoso, irisado. O fragmento não permite restituir dimensões. 94/TOM/CC/PI Sala 3B Banq. Sul 3.

N.º 51 – Frasquinho

Bordo esvasado engrossado ao fogo. Sopragem livre. Vidro transparente incolor amarelado, muito irisado. Ø 24 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 5.

N.º 52 – Frasquinho

Colo alto cilíndrico. Corpo de secção quadrangular de ângulos arredondados. Soprado em molde. Vidro transparente incolor ligeiramente irisado. Ø 18 mm Alt. 63 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3 01.

N.º 53 – Frasquinho

Colo alto cilíndrico. Corpo prismático de ângulos chanfrados planos. Soprado em molde. Vidro transparente incolor tingido de verde (Methuen 26 A2), irisado. Ø 26 mm Lado maior do fundo 46 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3A 1.

N.º 54 – Frasquinho

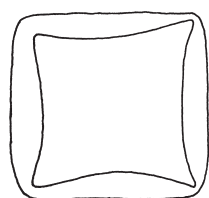
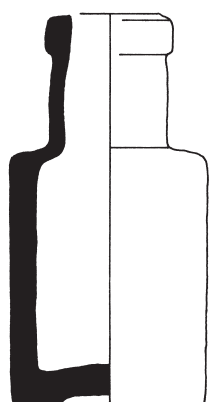
Colo alto cilíndrico resolvido em bordo esvasado recto. Ombro e base dilatados em anéis convêxos. Soprado em molde. Vidro transparente incolor tingido de verde (Methuen 26 A2), irisado. Ø 26 mm Alt. 89 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3A 1.

N.º 55 – Frasquinho

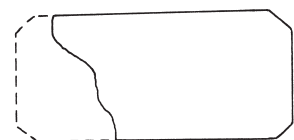
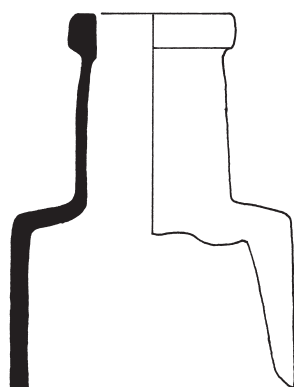
Colo alto cilíndrico resolvido em bordo esvasado curvo. Ombro e base dilatados em anéis convêxos. Soprado em molde. Vidro transparente incolor tingido de verde (Methuen 26 A2), irisado. Ø 26 mm Alt. 85 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3B 2.

N.º 56 – Rolha

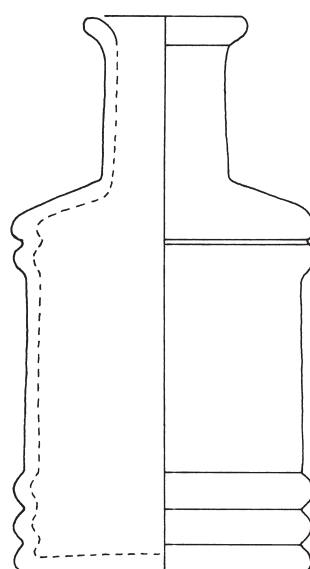
Pega e corpo bitruncocónicos ocos. Soprada em molde. Vidro transparente incolor irisado. Ø 44 mm Alt. 91 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3 01.



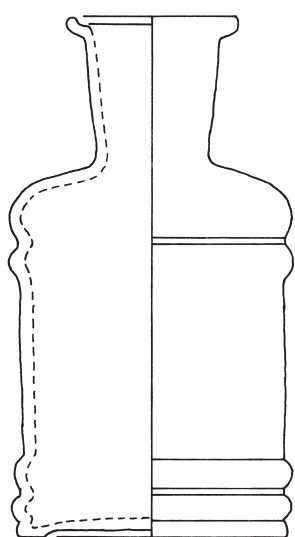
52



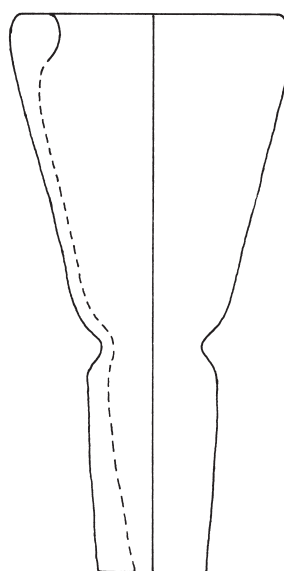
53



54



55



56

N.º 57 – Rolha

Pega discóide e corpo troncocónico maciços. Soprada em molde. Vidro transparente incolor irizado. Ø 32 mm Alt. 55 mm 94/TOM/CC/PI Sala 3B 3.

N.º 58 – Rolha

Pega oblonga achatada e corpo troncocónico maciços. Soprada em molde bivalve. Vidro transparente laranja castanhado (Methuen 5 C6). 94/TOM/CC/PI Sala 2 03.

N.º 59 – Proveta

Cilíndrica. Sopragem livre. Vidro transparente incolor. Ø 8 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 4.

N.º 60 – Proveta. Cilíndrica

Sopragem livre. Marca do pontel. Vidro transparente incolor. Ø 10 mm Alt. 39 mm 94/TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Oeste 5.

N.º 61 – Urinol

Bocal afunilado largo. Bordo em forma de aba. Sopragem livre. Vidro transparente incolor esverdeado (Methuen 27 A2). Ø 74 mm 85/TOM/RNM Vala B 1 n.º 383 Não ilustrado.

N.º 62 – Asa de rolo

Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 29 D6). 94/TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Este 01 Entulho.

N.º 63 – Asa de rolo

Vidro transparente incolor. 94/TOM/CC/PI Sala 3A 1.

N.º 64 – Fragmento de parede

Soprado em molde. Decorado por um padrão de óvulos dispostos em linhas paralelas assimétricas. Vidro transparente incolor esverdeado (Methuen 26 A2). 94/TOM/CC/PI Sala 3A Banq. Sul 2.

N.º 65 – Fragmento de parede

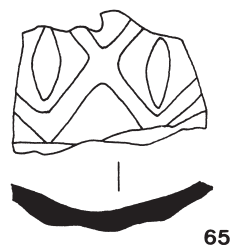
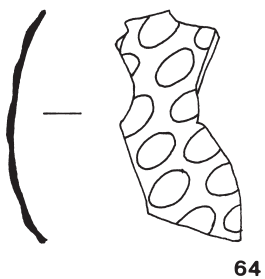
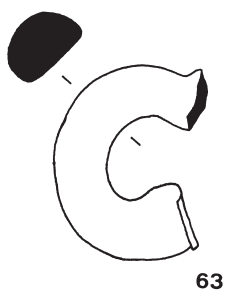
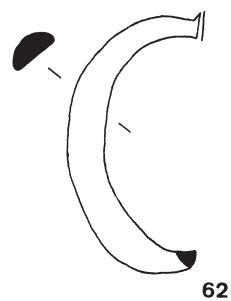
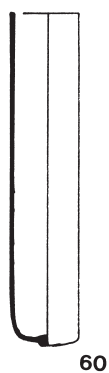
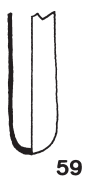
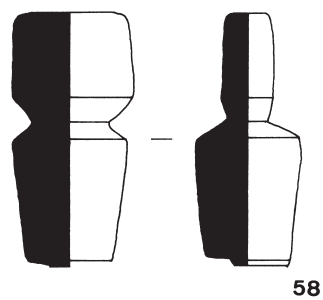
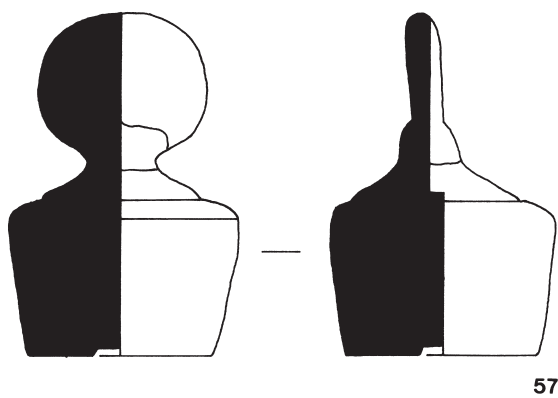
Soprado em molde. Decorado por uma malha de losangos pontuados centralmente. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 30 D5) , contendo minúsculas bolhas de ar. 94/TOM/CC/PI Sala 2 1.

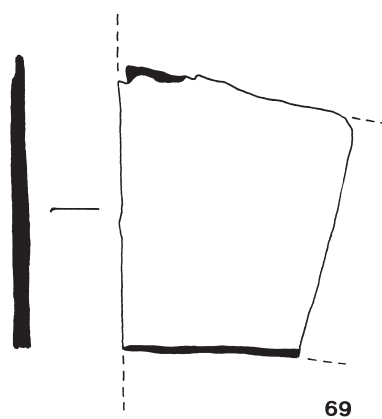
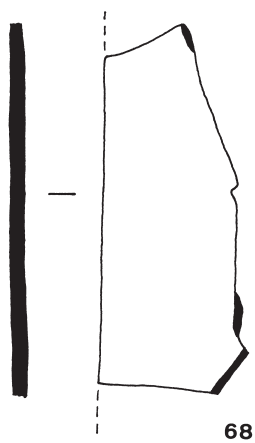
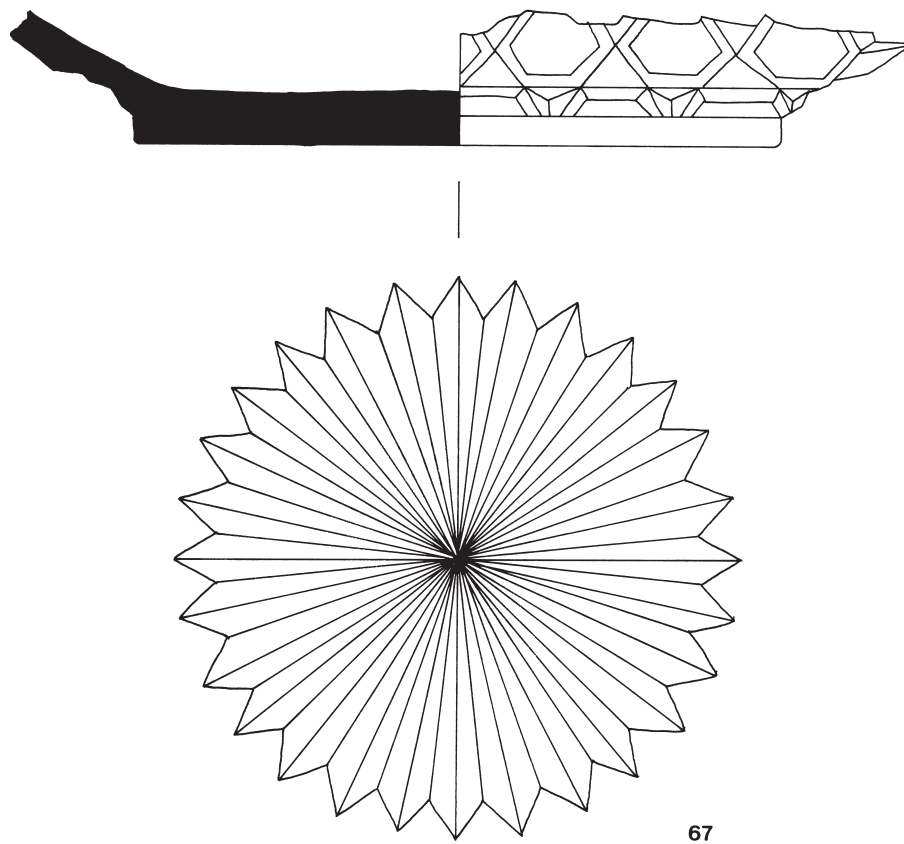
N.º 66 – Taça

Forma de calote esférica. Prensada em molde. Decorada por um padrão composto por séries contíguas de poliedros octogonais achatados e flanqueados por pirâmides. Vidro transparente incolor. Ø 114 mm 85 TOM/RNM Vala B 1 N.º383 Contentor 188.

N.º 67 – Taça. Paredes esvasadas

Prensada em molde. Decorada por um padrão de poliedros hexagonais achatados. O fundo ostenta uma estrela biselada. Vidro transparente incolor ligeiramente irizado. Ø 107 mm 94 TOM/CC/PI Sala 3 01.





N.ºs 68-69 – Fragmentos de vidraça

Vidro transparente amarelo acinzentado (Methuen 3B3) muito irisado. 94 TOM/CC/PI Salas 2 3, e 4-5, respectivamente.

N.º 70 – Bracelete

Secção circular. Lisa. Vidro opaco negro irisado. Ø 62 mm 94 TOM/CC/PI Sala 2 7.

N.º 71 – Bracelete

Secção sobre o circular. Lisa. Vidro opaco negro irisado. Ø 74 mm 94 TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Sul 5.

N.º 72 – Bracelete

Secção sobre o circular. Lisa. Vidro opaco negro. Ø 74 mm 94 TOM/CC/PI Sala 2 5.

N.º 73 – Bracelete

Secção semicircular. Lisa. Vidro opaco negro. Ø 78 mm 94 TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Oeste 4 Outro exemplar igual, com o mesmo diâmetro e muito irisada, proveio do estrato 4 da Sala 2 (Não desenhada).

N.º 74 – Bracelete

Secção semicircular. Lisa. Vidro opaco negro, muito irisado. Ø 82 mm 94 TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Sul 3.

N.º 75 – Bracelete

Secção rectangular. Denteada. Lisa. Vidro opaco negro. Ø 78 mm 94 TOM/CC/PI Sala 1 2.

N.º 76 – Bracelete

Secção sobre o circular. Lisa. Vidro opaco negro. Ø 68 mm 94 TOM/CC/PI Sondagem A 1.

N.º 77 – Bracelete

Secção rectangular. Lisa. Vidro transparente amarelo acinzentado (Methuen 4 C6). Ø 74 mm 94 TOM/CC/PI Sala 2 7.

N.º 78 – Bracelete

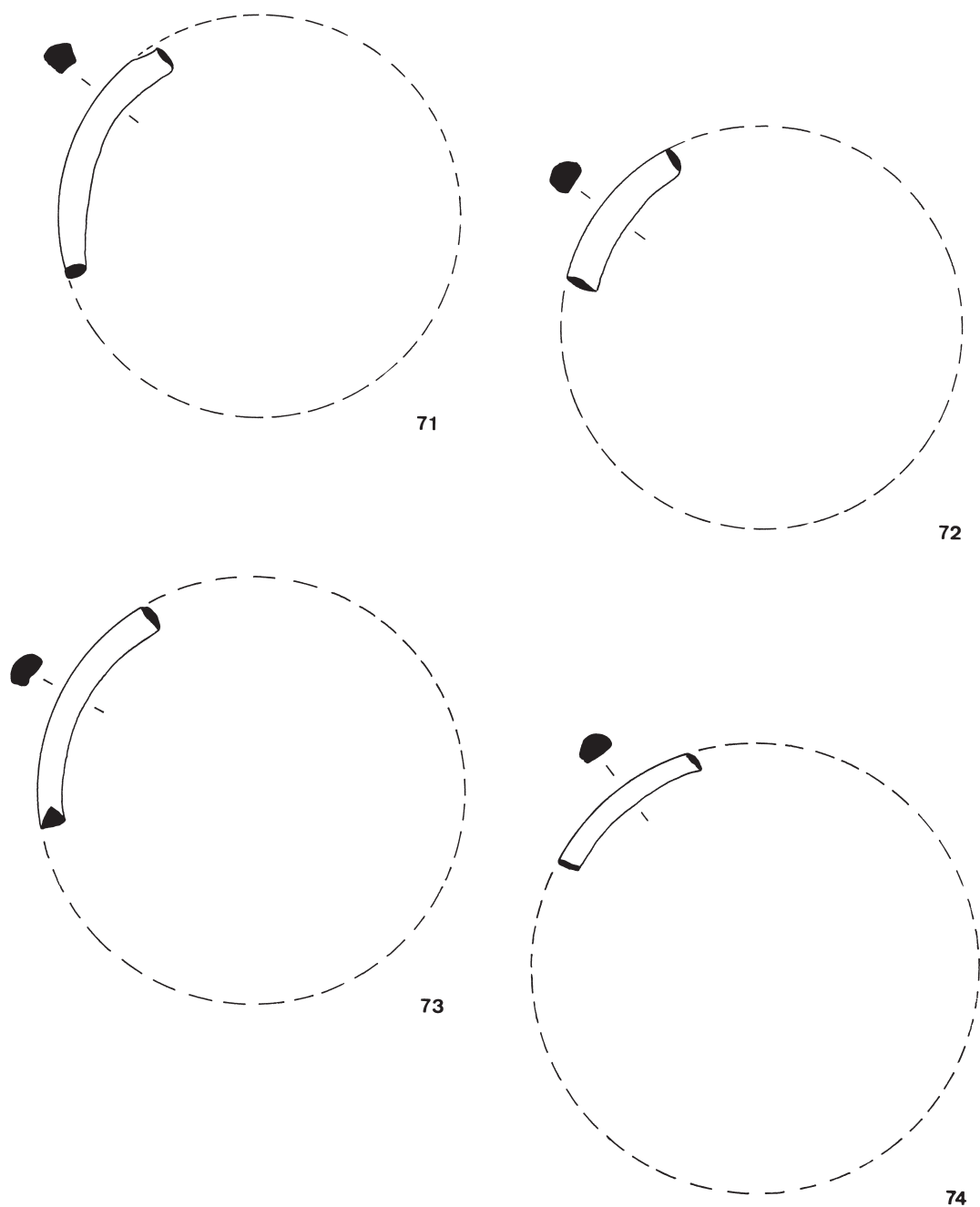
Secção semicircular. Lisa. Cor original indefinível dadas a alteração e a irisão da matéria. Ø 74 mm 94 TOM/CC/PI Sala 2 Banq. Este 01 Entulho.

N.º 79 – Taça

Forma hemisférica. Decorada por espessas caneluras que não atingem o bordo. Prensada em molde. Vidro transparente verde pálido (Methuen 26 A3). Ø 137 mm 86/TOM/AL CIII7 2 n.º 242.

N.º 80 – Taça

Paredes esvasadas curvas. Bordo tubular. Sopragem livre. Vidro transparente incolor leitoso. Ø 190 mm 85/TOM/RNM I43 1 n.º 394.



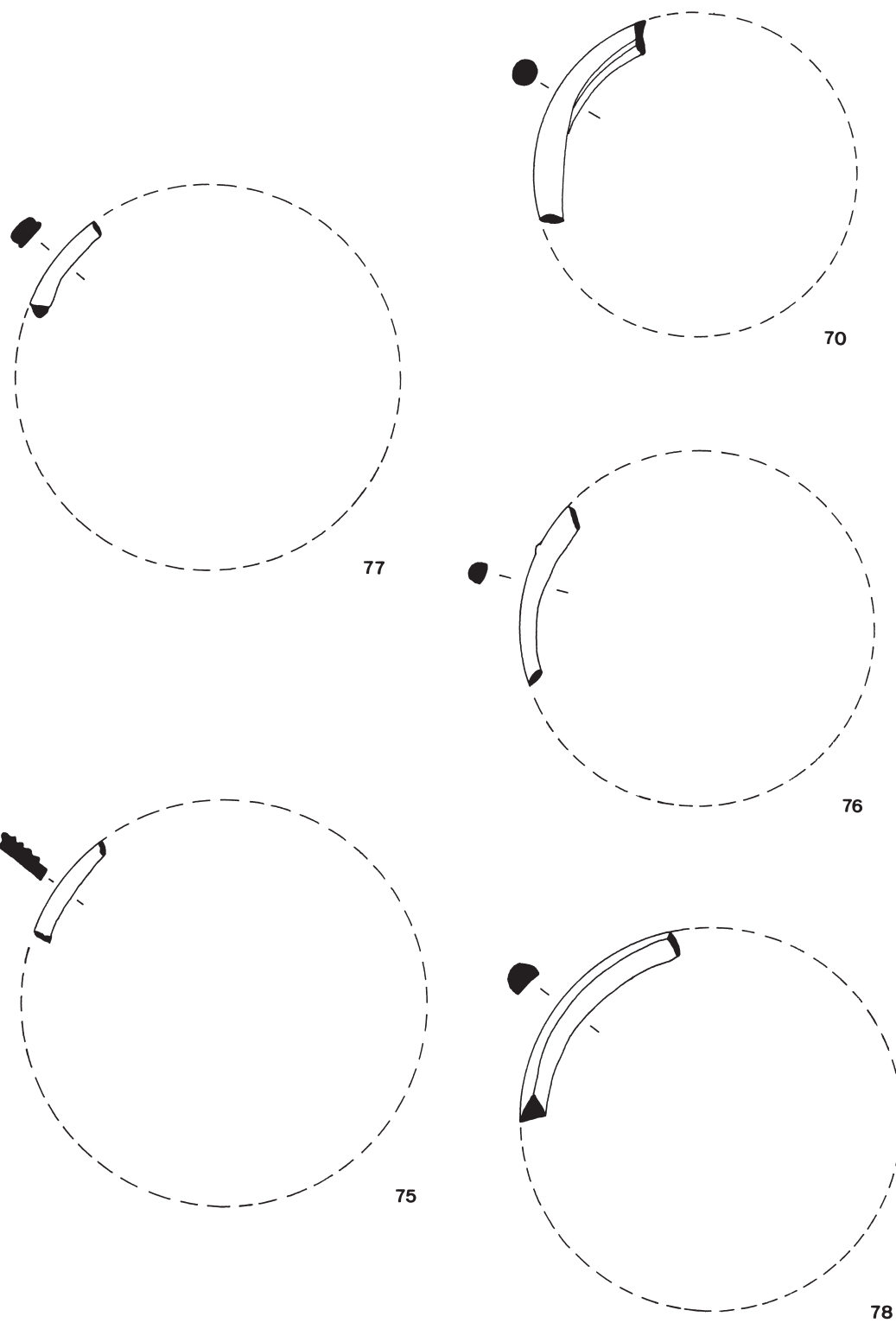
Cat. 11

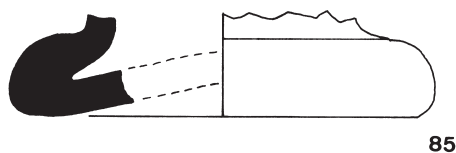
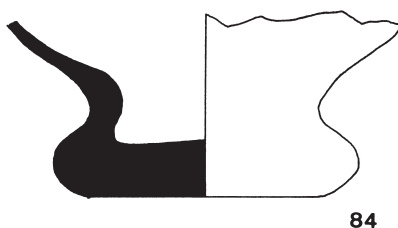
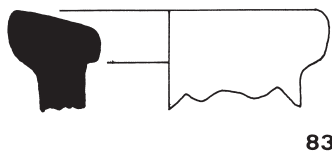
N.º 81 – Tacinha

Forma de calote esférica. Bordo envasado. Sopragem livre. Vidro transparente incolor muito irisado. Ø 58 mm 84/TOM/RCC J30 S3 n.º 162.

N.º 82 – Tacinha

Paredes ligeiramente arqueadas. Bordo em forma de cabeça de fósforo. Sopragem livre. Vidro transparente incolor leitoso. Ø 74 mm 85/TOM/RCC E2 Banq. Este 2 n.º 138.





Cat. 13

N.º 83 – Bocal de garrafa

Bordo trapezoidal, interiormente biselado. Sopragem livre. Vidro transparente verde (Methuen 26 B4). Ø 52 mm 90/TOM/LMB A1 3 n.º 303.

N.º 84 – Fundo de amphoriskos (?) com marca de pontel

Sopragem livre. Vidro transparente verde pálido (Methuen 27 A3). Ø 50 mm 90/TOM/LMB A17 1 n.º 292.

N.º 85 – Fundo de unguentário

Sopragem livre. Vidro transparente azul (Methuen 23 C6). Ø 72 mm 90/TOM/LMB A17 1 n.º 292.

N.º 86 – Fundo de unguentário

Vidro transparente verde pálido (Methuen 27 A3). Ø 74 mm 89/TOM/CEM Sond. A 1 n.º 320 (Não desenhado).

N.º 87 – Unguentário (?)

Bocal esvasado. Pança globular (?). Sopragem livre. Vidro transparente incolor esverdeado (Methuen 26 A2). Ø 106 mm 83/TOM/RCC H22 7 n.º 117.

N.º 88 – Fragmento de parede decorada com uma protuberância aplicada em relevo

Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 27 C4). 85/TOM/RCC L35 2 n.º 123.

N.º 89 – Taça

Perfil em S. Bordo cortado à tesoura. Sopragem livre. Vidro transparente incolor irisado. Ø 146 mm 83/TOM/RCC F13 1 n.º 181.

N.º 90 – Taça

Ø 194 mm 85/TOM/RCC B11 3 n.º 146.

N.º 91 – Taça

Vidro transparente amarelo acinzentado (Methuen 3 C5). Ø 134 mm 84/TOM/RCC H20 Banq. Sul S2 n.º 132.

N.º 92 – Taça

Ø 100 mm Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 29 C5). Ø 100 mm 88/TOM/AL/VR 3 n.º 197.

N.º 93 – Asa

Maciça, trabalhada à pinça. Vidro transparente verde acinzentado (Methuen 27 C4). 83/TOM/RCC G16 2 n.º 163.

N.º 94 – Fundo, com pé anelar, de vaso indeterminável

Sopragem livre. Vidro transparente incolor. Ø 74 mm 85/TOM/RNM E22 2 n.º 381.

N.º 95 – Bracelete

Circular decorada por estrias oblíquas paralelas. Vidro opaco negro. Ø 70 mm 85/TOM/RNM D17 Banq. Norte 2 n.º 438.

N.º 96 – Conta

Forma de aro. Vidro transparente azul (Methuen 22 D7). Ø 12 mm 82/TOM/RCC G15 5 n.º 126.

N.º 97 – Conta

Forma de aro. Vidro transparente azul (Methuen 22 D7). Ø 13 mm 84/TOM/RCC J29 Banq. Sul 4 n.º 125.

N.º 98 – Conta

Forma de aro. Vidro transparente azul (Methuen 20 D7). Ø 11 mm 84/TOM/RCC J31 Banq. Sul 4 n.º 101.

N.º 99 – Conta

Forma de aro. Vidro transparente azul (Methuen 21 D6). Ø 13 mm 84/TOM/RCC D24 3 n.º 135.

N.º 100 – Conta

Forma de aro. Vidro transparente azul (Methuen 22 D7). Ø 13 mm 85/TOM/RCC L34/L35 4 n.º 144 (Não desenhada).

N.º 101 – Conta

Forma de aro. Vidro transparente azul (Methuen 21 D6). Ø 11 mm 85/TOM/RNM C12 2 n.º 401.

N.º 102 – Conta

Forma de aro. Vidro opaco azul (Methuen 22 D5). Ø 12 mm 84/TOM/RCC J29 Banq. Sul 4 n.º 99.

N.º 103 – Conta

Forma de aro. Vidro opaco azul (Methuen 22 D5) muito irisado. Ø 13 mm 82/TOM/RCC G11 3 n.º 97.

N.º 104 – Conta

Forma de aro. Cor original indefinível dada a alteração da matéria. Ø 13 mm 82/TOM/RCC H18 4 n.º 155.

N.º 105 – Conta

Forma de aro. Cor original indefinível dadas a opacificação e alteração da matéria. Ø 14 mm 84/TOM/RCC J29 Banq. Sul 4 n.º 99.

N.º 106 – Conta

Forma de aro. Vidro transparente azul (Methuen 23 B5), muito irisado. Ø 14 mm 84/TOM/RCC L34 3 n.º 192.

N.º 107 – Conta

Forma de aro. Cor original indefinível dadas a alteração e a irisão da matéria. Ø 102 mm 84/TOM/RCC J33 1 n.º 93.

N.º 108 – Conta

Forma de aro. Aparentemente originalmente em vidro opaco negro, muito alterado. Ø 102 mm 85/TOM/RNM E24 1 n.º 403.

NOTAS

- ¹ Este estudo data de 2000.
- ² Nas estampas e nas figuras que ilustram este estudo, os números que figuram, entre parênteses, sob certos exemplares, remetem para a numeração do Catálogo.
- ³ Os espólios de Tomar, Sintra, Lisboa, Coimbra e Évora foram estudados por nós. Queremos expressar o nosso reconhecimento aos Drs. Jorge Custódio e Mário Varela Gomes por nos permitirem mencionarmos, respectivamente, os exemplares de Coima e de Silves.
- ⁴ Cidade do México, Pinacoteca Vice-real.
- ⁵ Cf., por exemplo, Gasparetto (1979, p. 82, fig. 6), ao publicar garrafas do século XIV de Cividale (Veneza) e Cabart (1990, p. 316, n.º 4), ao coligir os tipos de vidraria de influência francesa do século XIV (por oposição à de influência renana), os quais dão testemunho do percurso do modelo a que pertencem a garrafa otomana da Fig. 6 e a que restituímos a partir dos fragmentos n.ºs 41 e 42.
- ⁶ Leia -se a receita de pepinos de conserva contida no *Caderno do Refeitório* (1743), a p. 77-78: "(...)Mettam -se em aguardente até se purificar o assucar, que será na quantidade de cinco quartas por cada libra de pepinos aos quaes darão quatro ou cinco fervuras (...) até ficar em ponto de espadana, e lançalos -hão em **boião** ou outro vaso com o mesmo assucar (...)".
- ⁷ Bluteau, 1712, Vol. II, p. 170 — "Botija — Vaso com bojo que tem boca angusta. Para azeitonas, p. Ex."
- ⁸ Madrid, Museu do Prado. In Ortiz et al., 1990, p. 147.
- ⁹ Um dos exemplares a que nos reportamos, propriedade de Russel Cortez em 1989, consta do Ficheiro do Vidro conservado em Portugal constituído naquele ano pelo Grupo do Trabalho do Vidro da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial. A ficha que se lhe refere cita, como bibliografia, a publicação *Do Vasilhame Vinário. Catálogo da 1.ª Exposição Temporária. Museu do Povo da Beira*, Viseu, 1967, n.º 7; um segundo exemplar pertence ao espólio do Museu Municipal de Alcácer do Sal (Inv.º N.º 1641). (a) Na maioria, não ilustrados. Os desenhos serão incluídos na publicação do Relatório Final das Escavações da Civitas de *Sellium* (Tomar).
- ¹⁰ Existem paralelos no Convento de St.ª Clara-a-Velha (Coimbra), por nós estudados em data posterior ao do estudo do espólio de Tomar.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (1970) - Vidros romanos de Balsa. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4, p. 237-272.
- ANÓNIMO (s.d.) - *Nova, e graciosa peça, intitulada "As gírias das moças para cazarem"*. Lisboa: Oficina de Domingos Gonsalves.
- ANÓNIMO (1773) - *Comédia nova intitulada "A viúva sagaz, ou astuta, ou as quatro nações"*. Lisboa: Oficina de Manoel Coelho Amado.
- ANÓNIMO (1789) - *Azeitona ofendida* Lisboa: Oficina de Antonio Gomes.
- ASHURST, D. (1987) - Glasshouse at Bolterstone, Yorkshire. *Post-Medieval Archaeology*. London. 21, p. 190-215.
- ASHURST, D. (1993) - *The History of South Yorkshire*. Sheffield: J. R. Collis Publications.
- BARROS, C. V. da S. (1969) - *Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande. II Centenário 1769-1969*. Lisboa: Fábrica Escola Irmãos Stephens; Instituto Nacional de Investigação Industrial.
- BARROS, C. V. da S. (1979) - Vidros. In *Artes decorativas portuguesas no Museu Nacional de Arte Antiga-Séculos XV-XVIII* Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga.
- BASTO, J. T. F. P. (1924) - *A Fábrica da Vista Alegre - O Livro do seu Centenário 1824-1924*. Lisboa: Affonso Lopes Vieira.
- BATTY, B. H. (1978) - *A Complete Guide to Pressed Glass*. Gretna: Pelican Publishing Company.
- BLUTEAU, R. (1712-1728) - *Vocabulário Portuguez e Latino... oferecido a elrey de Portugal D. João V*. 10 Vols. Coimbra.
- BOLDRINI, E.; MENDERA, M. (1994) - Consumo del vetro d'uso comune a San Giovanni Valdarno (AR) nel'500: caratteristiche tecnologiche e tipologiche. *Archeologia Medievale*. Firenze. 21, p. 499-516.
- CABART, H. (1990) - La verrerie de l'Est de la France - Tableaux typo-chronologiques. *Revue Archéologique de l'Est et du Centre-Est*. 9^{ème} Supplément, p. 314-321.
- Caderno do Refeitório - Comezainas, Mezinhas e Goludices 1743* Lisboa: Barca Nova, 1983 (1ª ed. 1900).
- CARVALHO, A. de (1992) - *Obra Mafrense*. Mafra: Câmara Municipal.
- DAVIS, F. (1971) - *Early 18th century English Glass*. London/New York /Sydney/Toronto: The Hamlyn Publishing Group Limited.
- DOMÍNGUEZ ORTIZ, A. [et al.] (1990) - *Velázquez*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- DRAHOTOVÁ, O. (1983) - *L'art du verre en Europe*. Paris: Gründ.
- The Encyclopedia of Glass*. London: Spring Books, 1981.
- FERREIRA, M. A. (1989) - Vidros post-medievais do Convento de Cristo-Tomar (Sondagem 1985). *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar. 11-12, p. 77-86.

- FERREIRA, M. A. (1993) - Mobiliário doméstico proveniente de escavações na sinagoga de Tomar. In *Actas do Simpósio Internacional "Os Judeus e os Descobrimentos"*. Tomar: Secretariado do Simpósio Internacional, p. 101-109.
- FERREIRA, M. A. (1997) - Seventeenth and eighteenth century glass drinking glasses and bottles from Lisbon – Portugal. *Conimbriga*. Coimbra. 36, p. 183-190.
- FERREIRA, M. A. (2000) - Verrerie et société à Évora du XVI^e au XVIII^e siècle. In *Actes du XIV^e Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre* (1998). Lochem: Association Internationale pour l'Histoire du Verre, p. 370-374.
- FERREIRA, M. A. (2003) - Trouvailles céramiques du Terreiro da Erva (Coimbra – Portugal). In *Actes du VII^e Congrès International sur la Céramique Médiévale en Méditerranée*. Athènes: Caisse des Recettes Archéologiques, p. 759-762.
- FISCHER, U. (1973) - *Grabungen im römischen Steinkastell von Hedderheim 1957-1959*. Frankfurt: Museum für Vor- und Frühgeschichte.
- FLOS TRAVIESO, N. (1987) - *Baetulo: els vidres*. Badalona: Museu de Badalona (Monografies Badalonines; 10).
- Fouilles de Conimbriga VI - Céramiques diverses et verres*. Paris: Diffusion E. de Boccard, 1976.
- FREMERSDORF, F. (1959) - *Römische Gläser mit Fadenauflege in Köln*. Köln: Verlag der Löwe - Dr. Hans Reykers.
- FROTHINGHAM, A. W. (1963) - *Spanish Glass*. London: Faber and Faber Limited.
- GASPARETTO, A. (1979) - Matrici e aspetti della vetraria veneziana e veneta medievale. *Journal of Glass Studies*. Corning. 21, p. 76-97.
- GOETZ, B. (1990) - Montbéliard-Caliaret de l'Hotel de Ville: verrerie du premier quart du XVII^e siècle in Verrerie de l'Est de la France, XIII^e-XVIII^e siècles, *Fabrication Consommation*. Revue Archéologique de l'Est et du Centre-Est de la France, 9^{ème} Supplément, Dijon, p. 187-210.
- DE GROOTE, K.; LEMAY, N. (1993) - De materiële cultuur in Sint-Salvatorsabdij te Ename (Stadt Oudenaarde, prov. Oost-Vlaanderen.) 1. Twe middeleeuwse latrine uit de westolengel en een 17 de - eeuwse afvalput uit de priorij. *Archeologie in Vlaanderen* 3, p. 413-428.
- GUDIOL RICART, J. (1963) - *Els vidres catalans*. Barcelona: Monumenta Cataloniae III.
- HAYES, J. W. (1992) - The Pottery. In *Excavations at Saracane in Istanbul. Vol. II*. New York: Princeton University, p. 400-409.
- HUGGINS, P. J. (1969) - Excavations at Sewardstone Street, Waltham Abbey, Essex, 1966. *Post-Medieval Archaeology*. London. 3, p. 47-99.
- HUME, I. N. (1961) - The glass wine bottle in Colonial Virginia. *Journal of Glass Studies*. Corning. 3, p. 91-117.
- ISINGS, C. (1957) - *Roman Glass from Dated Finds*. Groeningen-Djakarta: J. B. Wolters.
- JONES, O.; SULLIVAN, C. (1985) - *Glossaire du Verre des Parcs Canada décrivant les contenants, la verrerie de table, les dispositifs de fermeture et le verre plat*. Ottawa: Parks Canada.
- MORIN-JEAN, J. (1913) - *La verrerie en Gaule sous l'empire romain. Essai de morphologie et de chronologie*. Paris: Librairie Renouard - Henri Laurens Editeur.
- NEWMAN, H. (1977) - *An illustrated Dictionary of Glass*. London: Thames and Hudson.
- Real Fábrica de Cristales - La Granja - España*. Segovia: Fundación Centro Nacional del Vidrio, 1991.
- RADEMACHER, F. (1933) - *Die deutschen Gläser des Mittelalters*. Berlin: Verlag für Kunstwissenschaft.
- SPILLMAN, J. S. (1981) - *American and European Pressed Glass in The Corning Museum of Glass*. Corning: The Corning Museum of Glass.
- STIAFFINI, D. (1998) - La struttura del forno fusorio, le tecniche di produzione, l'organizzazione lavorativa e commerciale di una manifattura vetraria ottocentesca. In *Il vetro dall'Antichità all'età contemporanea: aspetti tecnologici, funzionali e commerciali - Atti 2e Giornate Nazionali di Studio AIHV - Comitato Nazionale Italiano 1996*. Milano: Edizione Et, p. 249-255.
- O vidro em Portugal - Catálogo de Exposição*. S.l. [Lisboa]: Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, s.d. [1989].